

**EN
CON
TROS**
25 FESTIVAL
DE CINEMA
DE VIANA

www.encontrosdecinema.pt

14ª
**Conferência
Internacional
de cinema**

Escola Superior de Educação de Viana do Castelo

14ª Conferência Internacional de Cinema de Viana
7 a 9 maio de 2025

Programa

7 maio

quarta

10h30 - 11h00

Auditório

ABERTURA DA CONFERÊNCIA

11h00 - 12h30

Auditório

PALESTRA INAUGURAL

12h30 - 13h00

Edifício novo, Piso 0

INAUGURAÇÃO DE EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA - **RESPIRAR VIANA**

14h00 - 16h15

Auditório

MESA 1 > **FOTOGRAFIA**

14h00 - 16h00

Sala 12

MESA 2 > **MEMÓRIA**

8 maio

quinta

09h00 - 12h00

Biblioteca

LAB_PROJETOS AUDIOVISUAIS EM ESCOLAS

10h00 - 12h15

Auditório

MESA 3 > **ANÁLISE FÍLMICA**

14h00 - 16h00

Auditório

MESA-REDONDA > **CINEMA NO TEATRO / TEATRO NO CINEMA**

14H00-16H00

Sala 12

MESA 4> **NARRATIVAS**

9 maio

sexta

10h00 - 13h00

Auditório

SEMINÁRIO > **WORK IN PROGRESS**

10h30 - 12h30

Sala 4

MESA 5 > **CINEMA E IDENTIDADES**

7 maio

quarta-feira

10h30 - 11h00

Auditório

ABERTURA DA CONFERÊNCIA

11h00 - 12h30

Auditório

PALESTRA INAUGURAL

A mediação e o processo entre imagens: memória e lugar

Organização e Discussão: Tomé Saldanha Quadros (ESAD/ ESAD-IDEA)

Ana Teresa Vicente

(FBAUL, CIEBA)

Ana Teresa Vicente (Lisboa, 1982) é artista e investigadora. Tem um doutoramento em Belas Artes - Fotografia, Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (CIEBA-FBAUL), com bolsa FCT (PT). Desde 2005 que apresenta o seu trabalho regularmente, através de exposições, palestras e publicações. Exposições recentes do seu trabalho incluem: Halaqat, Goethe-Institut Kairo (EG); ARTeFACTo Macau (MO); Taipei Photo Festival (TW), SITUATIONS | The Right to Look, Fotomuseum Winterthur (CH); Selections from the Seagrave Museum, DAAP Gallery (USA); Format Festival (UK); Athens Photofestival (GR); Timelessness, Ars Electronica Campus (co-curadoria com a Professora Mónica Mendes, AT); Binary/Non-binary, GESTE Paris (FR); Immersive | Imersivo, SNBA (PT). Foi co-coordenadora e investigadora do Post-Screen: Festival Internacional de Arte, Novos Media e Ciberculturas (FBAUL em 2014 e, em 2016, FBAUL, Fundação Millennium e ULHT, Lisboa, PT). Em 2020, iniciou o projeto "From Transtopia to Supertopia", primeiro na In-Situ Hong Kong Artist Residency com uma bolsa da Fundação Oriente e na residência Halaqat Media Arts, organizada pelo Bozar - Centre for Fine Arts Brussels, Goethe-Institut e IMAL (BE, 2022), e pelo Goethe-Institut Kairo, Cairotronica e com o apoio da American University of Cairo (EG, 2023). Atualmente, é docente adjunta convidada no curso de Som e Imagem, ESAD.cr (Caldas da Rainha, Portugal) e membro integrado do Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA, FBAUL, PT).

Francisca Soares

(CITAR - UCP/UBI)

Francisca Soares (Porto, 1998) é autora multidisciplinar, licenciada em Tecnologia da Comunicação Audiovisual, pela ESMAD, e mestre em Cinema pela Escola das Artes - UCP. Desenvolve projetos nas áreas do cinema, da fotografia, da performance e da instalação sonora. O seu trabalho procura pensar a sensorialidade da imagem em movimento, através de uma abordagem documental experimental. É realizadora, montadora e diretora de fotografia dos filmes "How to Be a Candid Woman" (2022), "Cura" (2023) e "Nunca estive tão perto" (2023), com estreia na Competição Nacional do IndieLisboa 2024. Trabalha em vídeo, sendo responsável pelo registo do Festival Circular e das diversas atividades da Circular Associação Cultural desde 2021; e como colorista freelancer em projetos filmados em película 16mm ou em digital. Paralelamente, desenvolve explorações sonoras e videoarte, destacando-se o projeto "fhoosphorus", em co-autoria com Henrik Ferrara, apresentado na Montra - Mostra de Arte Contemporânea, em Vila do Conde. É um dos membros fundadores do coletivo ORCA (Orquestra de Robôs, Computadores e Altifalantes) e membro integrante do coletivo OBSOLETO, onde é responsável pela criação artística audiovisual. Atualmente, é professora de cinema na Universidade da Beira Interior.

Resumo

No âmbito da 14ª edição da Conferência Internacional de Cinema de Viana, Encontros 2025, e no contexto da viragem do século XXI, também designado por pictorial turn ou Age of simulation (W. J. T. Mitchell, 1992), ou, ainda, por Age of disposable people (Rey Chow, 2010), a presente sessão inaugural procura dar continuidade ao trabalho de reflexão crítica em torno do tempo e lugar entre imagens, iniciado em 2023, a partir dos seguintes eixos temáticos: i.) imagens e lugares de espera (imagens-memória-matéria); ii.) cidade-mundo e comunidade-mundo (imagens-identidade-permanência). Em particular, visa estabelecer crossovers em torno das Artes e Estudos Cinematográficos a partir da triangulação que compreende - imagem, mediação e simulacro - evocando "Modos de Fazer Mundo" (1995), "A Pele da Cultura" (1997) e "Simulacros e Simulação" (1991), da autoria de Nelson Goodman, Derrick de Kerckhove e Jean Baudrillard, respetivamente. O "trabalho de memória", enquanto processo em construção, preconizado por Paul Ricoeur desenvolve-se através das imagens visuais e sonoras que habitam a humanidade. Este processo encerra um espaço de reflexão, de experimentação e de criação de narrativas visuais ou fílmicas que emergem a partir de "(...) testemunhos de uma imaginação que raciocina." (Bachelard, 1996: 139) O cinema tal como a fotografia sintetiza o processo de literacia da memória, sem o qual identidade não tem lugar e ser livre não tem guião. A este propósito, o contributo de 2046 de Wong kar-Wai, reside, precisamente, no modo como a memória se sobrepõe à realidade, enfatizando a condição de ser, entre o que fomos ou somos, e aquilo em poderemos vir a tornar. O processo da construção das imagens torna visível o invisível e, assim, enfatiza as latências que dizem respeito à crença e à descrença, ao envolver o processo de "leitura", "visualização" e "interpretação". O processo de construção de imagens ou ecrãs como modos de (re)apresentação, (re)mediação e (re)imaginação, da realidade que nos rodeia ou atmosferas encenadas, recupera o sentido da representação visual das camadas de memória e identidade entre imagens que moldam a expressão do olhar, tempo e lugar.

O sentido das imagens encenadas apela ao apego sentimental dizível, fazendo convergir a atenção do espectador para a sua própria experiência de vida: o eu e a comunidade. A este propósito, o legado de Sergei Eisenstein e Dziga Vertov viria a antecipar o processo de memória e da construção de identidade, assente na velha máxima dos nouveaux réalistes, fazendo emergir a visão do "mundo como um quadro". Hoje, entendido como "cidade mundo".

Em síntese, a presente apresentação centra-se nas atmosferas encenadas no lugar da fotografia e do cinema, nomeadamente em torno da importância da reflexão e do olhar crítico sobre o processo de construção das imagens - metamorfose ou lugar do tempo entre imagens, fazendo emergir realidades diégéticas e não diégéticas: fabulações sentimentais e a capacidade de toque da imagem (Jean-Luc Nancy). Os limites entre "as imagens que a câmara vê" e "as imagens que a personagem observa" são questionados, dando lugar a um entendimento mais alargado do horizonte narrativo fílmico. No filme Sans Soleil (1983) realizado por Chris Marker é questionado o seguinte: "Pergunto-me se estes sonhos são realmente meus, ou se fazem parte de um conjunto, de um sonho coletivo gigantesco, do qual a cidade seria uma projeção". Em torno da dialética do Eu e do Outro, as imagens criam fluxos narrativos, a ilusão de transparência, e a tentativa de registo sem possibilidade de esquecimento (recolher, refazer, lembrar): provocar (double mirror) vs. fruir (double exposure).

12H30 - 13H00

Piso 0 da Ala Nova

INAUGURAÇÃO DE EXPOSIÇÃO

- RESPIRAR VIANA

Esta exposição reúne um conjunto de imagens dedicadas à cidade de Viana do Castelo e às vivências que aqui têm lugar, concebidas no âmbito da unidade curricular de Fotografia por alunas/os do 2º ano da Licenciatura em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas da Escola Superior de Educação - Instituto Politécnico de Viana do Castelo, no ano letivo 2024/2025.

Organização: 2º ano APTA e Professora Raquel Moreira

Exposição patente até 20 de junho de 2025

7 maio

quarta-feira

14H00 - 16H15

Auditório

MESA.1 FOTOGRAFIA

Moderação: Raquel Moreira

Sessão 1

14h00 - 15h00

1.

A linguagem das imagens.

Cinema, cidade, literatura e pensamento

Susana Ponces Rodrigues de Castro Camanho

ESE-IPVC

susanacamanho@ese.ipv.pt

Susana Camanho (Porto, 1971) é doutorada em Filosofia (Estética), pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Barcelona, e licenciada em Artes Plásticas – Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. É membro do Sismógrafo, um espaço do Porto com um programa contínuo de exposições de artes visuais, performance e pensamento. É curadora do ciclo de conferências “Imagens de Pensamento”, organizado pelo Sismógrafo desde 2020, editora e tradutora da coleção “Cadernos Imagens de Pensamento”. É membro integrado do Grupo de Investigação Aesthetics, Politics and Knowledge (APK), do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto. É assistente convidada na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (susanacamanho@ese.ipv.pt).

Palavras-chave

imagens, montagem, literatura e pensamento

Resumo

Como dizia John Berger, “a visão estabelece o nosso lugar no mundo”. A máquina de filmar transforma a nossa maneira de ver. A nova percepção do mundo reivindicada por Dziga Vertov e pelas infinitas possibilidades da montagem manifesta-se na cidade. Perante os estímulos e os impactos urbanos, na multidão que nos confunde e onde nos perdemos, a realidade assalta-nos como uma série de colisões, sensações tácteis descontínuas, imagens visuais fragmentadas, recortadas e justapostas. Tendo como pano de fundo o pensamento de Walter Benjamin, a sua atenção à fotografia e ao cinema, poderosas tecnologias da imagem já nos anos 30 do século passado, partindo de uma prática filosófica que procura “construir ideias com imagens”, vestígios do mundo material que interrompem ou reforçam o fluir do pensamento, esta comunicação dedicar-se-á ao potencial emancipatório das imagens, à possibilidade de um pensamento que contrarie a passividade e o automatismo, que assuma o shock como capacidade de ação.

2.

Corpo como Consciência

Maria João Soares Rodrigues

ESMAD | PPorto

40240103@esmad.ipp.pt

Maria João Rodrigues – (Porto, 2003) é artista visual e cineasta especializada em imagem. Frequenta o Mestrado em Cinema e Fotografia na Escola Superior de Media Artes e Design no Instituto Politécnico do Porto e é licenciada em Cinema pela Universidade da Beira Interior. Desenvolve projetos artísticos em fotografia, edição e produção audiovisual, tendo colaborado com empresas e projetos sociais em voluntariados.

Cristina Castro

CIEBA|UL, ID+|ESMAD
cristinacastro@esmad.ipp.pt

(Porto, 1974), vive e trabalha no Porto. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, individual e colectivamente. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C., e licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade de Aveiro.

Adriana Baptista

ID+|UA, ESMAD|P. Porto
mab@esmad.ipp.pt

Doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem é, atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica, Imagem e Cultura Visual, Imagem e Contextos Audiovisuais nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e Teoria e Crítica da Fotografia no Mestrado de Cinema e Fotografia. Faz investigação em Literacia Verbal e Visual, coordenou vários projetos de Investigação e é orientadora de vários projetos nos Mestrados em Fotografia e Cinema Documental e Experimental.

Olívia Marques da Silva

ID+|ESMAD/PPorto
oliviamarquessilva@esmad.ipp.pt

Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Bolseira do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural. Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante (em 2023 : <https://ceau.arq.up.pt/> Elia / Évora - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudiosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Em 2024 na Exposição Coletiva 50 anos do 25 de Abril, na Galeria do Centro de Arte de São João da Madeira , na Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, na Galeria do Auditório Municipal de Vila do Conde e Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, no Encontro de Fotografia da Covilhã, Diafragma. Olívia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos.

Palavras-chave

Fotografia, Corpo e espaço, Intercorporalidade, Percepção Sensorial, Fenomenologia

Resumo

A prática fotográfica documenta e questiona a relação entre corpo e espaço, abordando auto-percepção, identidade corporal e fusão entre figura e ambiente. O projeto artístico "Corpo como Consciência" parte da intercorporalidade da teoria fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty e o de intersubjetividade husserliana enquanto pista de arranque para uma abordagem poética onde se re-elabora a relação entre corpo, percepção e espaço tendo a fotografia como prática artística. Cruzando alguns conceitos que dão corpo ao livro "A poética do espaço" de Gaston Bachelard e a expressividade do corpo nas obras de Pina Bausch, propõe-se uma reflexão sobre a forma como o corpo interage com o mundo visível e invisível, questionando as fronteiras entre sujeito e espaço.

A abordagem fotográfica de Augusto Alves da Silva, na representação da Companhia Nacional de Bailado (CNB), reforça essa conexão ao evidenciar o palco como elementos dinâmicos. A fotografia do “X” vermelho no palco, exemplifica esta interação e reforça a ideia de que o espaço não é um mero cenário, que molda e é moldado pelo movimento do corpo, essencial para a experiência sensorial e artística. Neste projeto artístico, a fotografia torna-se então um meio de investigação visual que traduz estados de consciência e experiências sensoriais, sendo também uma extensão de um poema original. Esta prática híbrida entre fotografia e poesia procura provocar no observador uma experiência sensorial e reflexiva, onde a imagem possa manter-se como um campo aberto para a interpretação.

3. Inspiração e expiração através da re/constituição fotográfica - o caso do filme “Carol”, de Todd Haynes

Anabela Moutinho

EBS Quinta das Flores (Coimbra)
anabela.moutinho@sapo.pt

Professora convidada pela Universidade do Algarve para lecionar História e Estética do Cinema (1997-2005). Formadora de professores no mesmo âmbito (1999-2013). Co-criadora de programa de ensino de cinema nas escolas do Algarve, promovido pela Direção Regional de Educação do Algarve a partir de 1997-1998, onde se manteve durante 5 anos. Diretora do Cineclube de Faro desde 1992 e sua Presidente até 2013, no âmbito do que organizou palestras, seminários e congressos internacionais. Co/autora ou editora de três publicações (sobre cineastas portugueses, sobre António Reis e Margarida Cordeiro e sobre José Álvaro Morais). Proferiu diversas comunicações e redigiu diversos artigos, em diferentes contextos, no país e no estrangeiro, sobre cinema.

Palavras-chave

memória documental, ficção documental, fotografia, direção de fotografia, Carol

Resumo

Todd Haynes, realizador, e Ed Lachman, director de fotografia, formam uma dupla criativa nos vários filmes em que trabalharam juntos. Assim se apresentam e assim o assumem. Em “Carol” (EUA, 2015), filme de época passado nos anos 50, inspiraram-se num conjunto de obras de fotógrafos norte-americanos, recriando uma atmosfera que se adequa à narrativa do filme e lhe dá corpo, substância e credibilidade. Essa atmosfera é trabalhada ao nível da paleta cromática, do grão, da profundidade, além de com imagens captadas em reflexos, através de vidros ou em diferentes planos implicados em questões de óptica. Com a ignição das fotografias de Saul Leiter, em primeiro lugar, mas também com o trabalho, particularmente em cor, de Helen Hewitt, Vivian Maier, Esther Bubley e Ruth Orkin, Haynes/Lachman reconstituem, na fotografia e por ela, não só a obra desses autores que os antecederam, mas também uma época, uma mentalidade, uns usos & costumes e a luta, subterrânea ou até nem tanto, contra os ditames asfixiantes de que também foram feitos. Como diria, entre tantos outros, Ed Lachman, “todos os filmes são documentários”. Por maioria de razão, é o caso evidente dos que, directa ou indirectamente, trabalham com fotografia, pois ela é, seja qual o tipo, a técnica, a intenção ou o resultado, memória. Sustentada numa análise comparativa e ilustrada do filme e do universo autoral dos fotógrafos mencionados, a tese que se defende é que essa memória é documental, constituída por quem a capta ou re/constituída por quem nela se motiva.

Sessão 2

15h15 - 16h15

4.

O diálogo entre a música e a imagem no Cinema Documental

Mariana Meireles

ESMAD | PPorto
marianamfslv@gmail.com

Mariana Meireles é mestre em Cinema e Fotografia – Especialização em Cinema Documental e Experimental – pela ESMAD P. Porto. Realizou estágio no Canal180, tendo co-realizado a série documental “From the Backstage”. Foi diretora de fotografia da curta documental “Mestres, Mães do Mar” (2023) e, no âmbito do Mestrado, realizou estágio na Casa da Música, onde explorou a relação entre a música e a imagem no cinema documental.

Filipe Lopes

ESMAD | PPorto
filipelopes@esmad.ipp.pt

Filipe Lopes é doutorado em Média-Digitais e compositor com fortes afinidades com a música eletroacústica. Tem desenvolvido trabalho na área da composição de música eletroacústica e instalação multimédia, colaborando ainda no âmbito da dança, cinema, teatro ou vídeo-instalação. É professor Adjunto na ESMAD P. Porto e Diretor do Departamento de Artes da Imagem da ESMAD.

Palavras-chave

cinema documental, música, imagem

Resumo

Este trabalho discute a relação entre música e imagem no cinema, com um foco particular no cinema documental. Tomando a escuta (Chion 1994) como princípio metodológico dominante para a construção da narrativa visual, a reflexão explora a música enquanto forma de expressão e comunicação, analisando a sua dimensão imagética e a forma como pode influenciar a montagem (Barbosa & Gonçalves, 2015; Oliveira, 2007). A pesquisa percorreu um trajeto que se iniciou na análise geral da música no cinema e se afunilou para o cinema documental, onde o impacto da música é frequentemente debatido no contexto da representação do real (Ngong, 2020; Godoy&Jorgensen, 2012). Tomando como referência o documentário Baraka (1992), ergueu-se o pressuposto de que modo a música pode intensificar a experiência emocional do espectador sem comprometer a autenticidade do registo documental. A reflexão principal é produzida a partir da experiência de estágio da primeira autora, na Casa da Música, onde cinco projetos centrais serviram para concluir e constatar a diversidade de interseções que podem acontecer entre música e imagem.

5.

Máscaras do Invisível: Um Retrato da Realidade

Ana Maria Gonçalves Alves

ESMAD | PPorto
alvesanal80302@gmail.com

Ana Alves – (Ponte da Barca, 2002), vive e estuda em Portugal. Licenciada em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas pela Escola Superior de Educação do IPVC, frequenta atualmente o Mestrado em Cinema e Fotografia pela Escola Superior de Media Artes e Design do IPP. O seu trabalho fotográfico centra-se na interseção entre memória e identidade ao explorar a fotografia não apenas como um meio de documentação, mas como ferramenta de reflexão. A sua abordagem assenta na representação simbólica e na participação ativa do sujeito fotografado, ao recusar a mera estetização da realidade.

Olívia Marques da Silva

ID+|ESMAD|P. Porto

oliviamarquessilva@esmad.ipp.pt

Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Bolseira do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural. Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante (em 2023 : <https://ceau.arq.up.pt/Elia/Évora> - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudiosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Em 2024 na Exposição Coletiva 50 anos do 25 de Abril, na Galeria do Centro de Arte de São João da Madeira , na Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, na Galeria do Auditório Municipal de Vila do Conde e Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, no Encontro de Fotografia da Covilhã, Diafragma. Olívia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos.

Cristina Castro

CIEBA|UL, ID+|ESMAD

cristinacastro@esmad.ipp.pt

(Porto, 1974), vive e trabalha no Porto. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, individual e colectivamente. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C., e licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade de Aveiro.

Adriana Baptista

ID+|UA, ESMAD|P. Porto

mab@esmad.ipp.pt

Doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem é, atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica, Imagem e Cultura Visual, Imagem e Contextos Audiovisuais nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e Teoria e Crítica da Fotografia no Mestrado de Cinema e Fotografia. Faz investigação em Literacia Verbal e Visual, coordenou vários projetos de Investigação e é orientadora de vários projetos nos Mestrados em Fotografia e Cinema Documental e Experimental.

Palavras-chave

fotografia, identidade, narrativa, sobreposição, máscaras

Resumo

A fotografia contemporânea, enquanto prática artística e meio de comunicação, tem evoluído ao longo do tempo e a sua função tradicional de documentar a realidade está longe ser a única dimensão. Com Susan Sontag, John Berger e Merleau-Ponty, o papel da fotografia é problematizado enquanto documento e símbolo ao analisar a sua capacidade de questionar o visível e o invisível. Ao destacar a complexidade da experiência humana, a obra fotográfica propõe um olhar crítico sobre a construção da identidade e a representação da realidade na fotografia. Ao assumir um papel importante, no que toca a questões identitárias, subjetivas e sociais, a fotografia permite explorar a interação entre o visível e o invisível, o individual e o coletivo. Este carácter ambíguo, reforça a noção

de que a imagem não reflete apenas o mundo, mas constrói-o a partir de percepções e intenções de quem está por detrás da lente, adotando uma abordagem narrativa participativa, tal como Lee Jeffries e Mário Macilau. A máscara, como é possível ver em certas fotografias concetuais de Gillian Wearing onde o retrato problematiza a identidade, enquanto elemento central da composição atua como catacrese das múltiplas camadas de identidade, ao revelar e ocultar significados. Neste projeto, através da sobreposição de camadas fotográficas, evoca-se a dualidade entre o real e simbólico, desafiando o olhar do espectador. A combinação de técnicas digitais e analógicas, reforça a tensão entre materialidade e imaterialidade, memória e efemeridade.

6. Thomaz Farkas seu relevante papel na fotografia no cinema e na construção da identidade coletiva Nordestina

Renato Athias

UFP
renato.athias@ufpe.br

Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (NEPE) da UFPE é Professor Associado II do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. É também professor do Master Interuniversitário de Antropologia Iberoamericana da Universidade de Salamanca, na Espanha. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em Etnologia Indígena, atuando nas seguintes temáticas: saúde indígena, antropologia visual com projetos de pesquisas entre os índios de Pernambuco e no Alto Rio Negro Amazonas, especificamente entre os Hupdah da família lingüística Nadahup e os índios, Pankararu. É membro do Laboratório de Antropologia Visual do Núcleo Imagem e Som & Ciências Humanas da UFPE, É membro do Conselho Curador do Museu do Estado de Pernambuco. Foi coordenador nacional do GT Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Atuou como Diretor da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais (ANPOCS) e foi Coordenador Geral de Museus da Fundação Joaquim Nabuco em Recife até Janeiro de 2014. Foi secretário geral da Associação Brasileira de Antropologia na gestão 2013/2014 e atualmente é o vice coordenador da Comissão de Museus e Patrimônio Cultural da União Internacional das Ciências Antropológicas e Etnológicas

José da Silva Ribeiro

AO NORTE / UFP
jsribeiro.49@gmail.com

Bacharel em Cine-vídeo pela Escola superior Artística do Porto, Licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto, Mestrado e Doutorado pela Universidade Aberta, Pós-doc pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desenvolve atualmente pesquisa no âmbito da antropologia visual; antropologia e cinema; auto-geosociobiografias. Professor visitante na Universidade Federal de Pernambuco - EDMATEC. Sócio da AO NORTE onde coordena o Grupo de Estudos de Cinema e Narrativas Digitais e o Fora de campo - Curso de Verão no MDOC - Festival Internacional de Documentário de Melgaço. Participa em projetos de pesquisa em Portugal e no Brasil.

Palavras-chave

Thomaz Farkas, fototipia, fotografia, cinema, identidade coletiva

Resumo

Farkas foi mais do que um fotógrafo ou cineasta; foi um articulador cultural que contribuiu para a preservação da memória visual do Brasil e para o fortalecimento da identidade coletiva do Nordeste, especialmente em um período de censura e apagamento de vozes dissidentes. Foi uma figura essencial para a construção da identidade visual e cinematográfica do Brasil, especialmente do Nordeste, num período em que a região era frequentemente representada de maneira estereotipada ou marginalizada. Seu papel como fotógrafo, cineasta e produtor possibilitou o desenvolvimento de uma nova estética e narrativa sobre o Nordeste brasileiro, especialmente durante a ditadura militar, quando o país passava por transformações profundas e a região era relegada aos projetos de desenvolvimento centralizados no eixo Sul-Sudeste. Propomos-mos em ano do centenário do seu nascimento abordar o olhar modernista e documental do fotógrafo, o projeto de documentação

da representação da Identidade Coletiva Nordestina e o o papel da Fotoptica no Cinema e na Fotografia Brasileira.

7 maio

quarta-feira

14h00 - 16h00

Sala 12

MESA.2 MEMÓRIA

Moderação: Filipe Rodrigues

7.

Perceção Colonial

Patrícia Barbosa

ESMAD | PPorto

E-mail: 40240028@esmad.ipp.pt

A partir da fotografia e da relação com arquivos, texto e som, a sua obra centra-se no estudo da memória, história e cultura visual, com enfoque no colonialismo português. Tem apresentado o seu trabalho em exposições, publicações e conversas. Em 2020 foi contemplada com o VIII Premio Galicia de Fotografia Contemporânea, com o corpo de trabalho "Prova". É licenciada em Comunicação - Multimédia (2010) pela Universidade do Porto, e pós-graduada em Fotografia pela Universidade Católica do Porto (2012). Atualmente integra o Mestrado em Cinema e Fotografia no Instituto Politécnico do Porto.

Adriana Baptista

ID+|UA, ESMAD|P. Porto

mab@esmad.ipp.pt

Doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem é, atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica, Imagem e Cultura Visual, Imagem e Contextos Audiovisuais nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e Teoria e Crítica da Fotografia no Mestrado de Cinema e Fotografia. Faz investigação em Literacia Verbal e Visual, coordenou vários projetos de Investigação e é orientadora de vários projetos nos Mestrados em Fotografia e Cinema Documental e Experimental.

Cristina Castro

CIEBA|UL, ID+|ESMAD

cristinacastro@esmad.ipp.pt

(Porto, 1974), vive e trabalha no Porto. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, individual e colectivamente. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C., e licenciada em Artes Plásticas - Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade de Aveiro.

Olívia Marques da Silva

ID+|ESMAD/PPorto

oliviamarquessilva@esmad.ipp.pt

Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Bolseira do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural.

Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante (em 2023 : <https://ceau.arq.up.pt/> / Elia / Évora - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudiosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Em 2024 na Exposição Coletiva 50 anos do 25 de Abril, na Galeria do Centro de Arte de São João da Madeira , na Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, na Galeria do Auditório Municipal de Vila do Conde e Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, no Encontro de Fotografia da Covilhã, Diafragma. Olivia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos.

Palavras-chave

colonialismo, imprensa, fotografia, explosão

Resumo

A Guerra Colonial Portuguesa (1961–1974) é uma das marcas mais profundas deixadas pela ditadura do Estado Novo (1926–1974). Ao longo de treze anos, o esforço bélico foi sustentado por uma narrativa imperial que se perpetuou através de estratégias propagandísticas que exaltavam os territórios ultramarinos e o sucesso da guerra como pilares da identidade nacional. Nesse contexto, a imprensa periódica e a produção fotográfica colonial desempenharam um papel central na consolidação e projeção do colonialismo como um projeto civilizacional e estratégico. O silenciamento visual em torno do conflito, promovido em grande parte pela Censura Prévia, e a manipulação textual e visual da época, evidenciam a instrumentalização da comunicação e de uma memória coletiva enviesada. Nesta proposta, exigindo à fotografia mais do que uma forma de representar, tornam-se presentes (“presenta-se”, como explicita Leonardo Charréu) de forma artística as verídicas dimensões da vida humana, falaciosamente representadas em sete páginas da revista “O Século” (1940), com fotografias de explosões da Guerra Colonial Portuguesa publicadas na internet. A par da negação do uso de ‘napalm’ nas antigas colónias portuguesas, parte-se da explosão como ícone visual discursivo. Ancorados nos conceitos de ‘explosão’ de Lotman (1999) e ‘sublime’ de Burke (1757), interroga-se o registo do horror, a sua estetização e a relação semântica denotativa e simbólica conotativa entre imagem–palavra. A intervenção manual através da pintura azul-cobalto no conjunto de imagens desafia o limite do visível e do invisível, na fotografia, cruzando de forma interdisciplinar investigação e criação artística, censurando, assim, crítica e retoricamente este não-acontecimento.

8.

Memória, Identidade, Fragmentos: O ensaio documental animado como espaço de reflexão

Maria Antunes Goulão

Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
magoulao@gmail.com

Mestranda em Ilustração e Animação pela Escola de Design do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave; É licenciada em Desenho pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa. Os seus interesses de investigação centram-se nas áreas do desenho e da imagem em movimento, relacionadas com temas como a memória coletiva, identidade, preservação da história oral e património imaterial. Foi bolseira do ID+ com o projeto de investigação “Physalis”.

Paula Tavares

Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
ptavares@ipca.pt

Professora, investigadora e artista. É Vice-Presidente do Instituto Politécnico do Cávado e do Ave (IPCA) desde Janeiro de 2022 para a Internacionalização, Comunicação e Cultura. Coordena no IPCA a Universidade Europeia Regional University Network (RUN-EU). É Diretora do Centro de Investigação em Design Media e Cultura ID+ no Polo do IPCA desde 2017. Entre 2015 e 2022 foi Diretora da Escola Superior de Design

do IPCA. Foi Diretora do Mestrado em Ilustração e Animação do IPCA durante dez anos. É Professora no IPCA desde 2007 e foi Professora na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto entre 1999 e 2004. Concluiu o Doutoramento em Belas Artes em 2006 na Faculdade de Belas Artes de Pontevedra da Universidade de Vigo; licenciou-se em Artes Plásticas-Pintura pela FBAUP em 1999 e concluiu o curso superior de Desenho pelas Escola Superior Artística do Porto em 1994. Como Investigadora atua na(s) área(s) da Arte e do Design com ênfase no Desenho, ilustração e Animação e questões de género. Participa em projetos de investigação e orienta trabalhos de doutoramento e mestrado desde 2006. Como artista expõe desde 1999 e está representada em coleções de arte contemporânea.

Luís Lima

Instituto Politécnico do Cávado e do Ave
llima@ipca.pt

Doutorado em Filosofia – especialidade de Estética – pela FCSH/ UNL, como bolseiro de doutoramento da Fundação Calouste Gulbenkian (Paris 4 - Sorbonne). Foi bolseiro da FCT no mestrado em Comunicação, Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias concluído na mesma universidade. Formou-se em Ciências da Comunicação com uma tese sobre os condicionamentos mútuos entre crítica e arte. Colaborou como jornalista em diversas publicações (Volta ao Mundo, Revista National Geographic, Arte Ibérica, Arte Capital, etc.). Integra, desde 2018, a Comissão de seleção do festival de cinema Porto/Post/Doc. É professor associado na Universidade Autónoma de Lisboa e docente na Escola Superior de Design do IPCA: lecciona Teorias da Imagem, Escrita Criativa, Comunicação e Digital Storytelling, Semiótica. É, desde março de 2023, diretor da Escola das Artes da Universidade Autónoma de Lisboa, onde assume a coordenação científica da Pós-Graduação em Ilustração. Trabalha também como tradutor freelancer no campo do pensamento estético contemporâneo (G. Deleuze, J. Rancière, G. Didi-Huberman, B. Stiegler, M-J. Mondzain, etc.). É investigador integrado no LabCom (Comunicação e Artes) e colaborador no CEAA (Arte e Estudos Críticos), integrando ainda a comissão científica da CONFIA / Conferência Internacional de Ilustração e Animação e o núcleo de Investigação em Comunicação Nip.Com, na UAL.

Palavras-chave

memória, identidade, documental, ensaio animado

Resumo

Quando, no cinema, se representa o passado, pessoal ou coletivo, o documentário é universalmente reconhecido como o meio mais recorrente para esse fim. Mas quando nos deparamos com um passado de que restam apenas histórias, cultura oral ou ruínas, como desenhamos a ligação entre memória e realidade? A história do cinema mostra que a conexão entre documentário e animação surgiu no início do século XX; No entanto, a sua relevância continua a ser objeto de debate. Em contextos sociais frágeis, como o de comunidades rurais envelhecidas, a história oral assume-se, por vezes, como o único registo do passado. A sua interpretação, quando dependente apenas da imagem fotográfica e som, no registo live-action, pode tornar-se um desafio. O poder da imagem animada reside na sua capacidade de transmitir estas e outras mensagens intangíveis, de forma sensível e simbólica, tornando-as mais acessíveis e aliando-as a questões sociais, culturais e políticas. Assim, a presente comunicação pretende explorar o papel do ensaio documental animado enquanto ferramenta de reflexão sobre memória e identidade e a relevância de uma abordagem que vai para lá da dicotomia ficção e não-ficção.

9.

Exploring Audience Engagement and Knowledge Production through Audiovisual Performative Practice: The case of the Coastal Geopark of Viana do Castelo

Frederico Dinis

Polytechnic University of Viana do Castelo, School of Education, Viana do Castelo, Portugal fredericodinis@ese.ipv.pt

PhD in Art Studies – Arts/Drama and Performance Studies from the University of Coimbra (Portugal) and Post-Doctorate in Sociology – Sociology of Art from the University of Porto (Portugal). Invited Lecturer at the Department of Arts, Design and Humanities of the Polytechnic Institute of Viana do Castelo (Portugal). Research fellow of the Research Institute in Design, Media and Culture (ID+) at the Polytechnic University of Cávado and Ave, Visiting Research Fellow at the Centre for Autobiographical Artistic Practices (NuPAA)

of the Federal University of Goiás /Brazil), Affiliated Scholar at the Centre for the Study of Storytelling, Experientiality and Memory (SELMA) at the University of Turku (Finland) and Affiliated Researcher of the Laboratoire International de Recherches en Arts (LIRA) at the Université Sorbonne Nouvelle (France).

Ricardo Carvalho

Polytechnic University of Viana do Castelo, School of Education, Viana do Castelo, Portugal ricardocarvalho@ese.ipvc.pt

PhD in Sciences – Geology from the University of Minho (Portugal). Doctoral fellow of the Foundation for Science and Technology (2005–2012). Post-doc Researcher at the Center for Environmental and Marine Studies (CESAM) at the University of Aveiro (2013–2014). Councilor of the Municipality of Viana do Castelo (2017–2021) in charge for Environment and Biodiversity, Science, Innovation, Knowledge, and Educational Projects. National Environment Award (honorable mention), awarded in 2020 by the Portuguese Confederation of Environmental Defense Associations (CPADA). Currently, he is an Adjunct Invited Professor at the Polytechnic Institute of Viana do Castelo, General Director of the PA Group Training Academy, Scientific Coordinator of the UNESCO Aspiring Geopark Viana do Castelo, and Secretary-General of SEDES Viana do Castelo.

Palavras-chave

performativity, audiovisuality, ancestry, identity, sense of belonging

Resumo

Art-based research is characterised by a constant process of questioning and enquiry, whereby knowledge is generated from the experience and practice of artists, in contrast to other academic research models. Accordingly, this distinctive and unique practice necessitates the implementation of models that facilitate the utilisation of an array of discursive and representational strategies. It is within this representation that this paper aims to present a personal approach to arts-based research, exploring ways of participating and engaging in performative artistic practice by discussing how does the integration of audience engagement in performance creation, facilitated by new technologies and media, reshape the ways artists approach and develop performative practices within arts-based research? Furthermore, this paper links audience engagement and knowledge production to the concept of the performativity of memory. This is achieved through a process of reflection and artistic representation resulting from a site-specific project developed in the Geopark of Viana do Castelo and in a research regime through artistic practice. The territory of the UNESCO Aspiring Geopark Litoral de Viana do Castelo preserves four major themes of our planet's geological evolution. Its memory, though present yet inaccessible, shapes our character and temperament and can influence our state of mind. These great stages of our shared history were classified in 2016 and 2018 as 13 local natural monuments, preserving records of: the formation and closure of the primordial ocean, with magma generation and its consolidation; the opening of the Atlantic Ocean and the rise of granites, forming coastal mountain ranges; the environments and climates of the last 400,000 years and the human presence in the geological space. The essence of these 13 natural monuments, which safeguard this geological heritage, extends to human experience (engraved on our genes), endowing it with meta-physical dimensions such as ancestry, identity, and a sense of belonging, as well as readability and semantics, timelessness, collectivity, and interculturality.

10.

Mas Não é a Mesma Coisa

Bárbara da Palma Teixeira

Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra Universidade de Coimbra
barbarapalmeira@gmail.com

Bárbara da Palma Teixeira, mestre em Design e Multimédia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. O documentário "Mas Não é a Mesma Coisa" foi desenvolvido como projeto de dissertação de mestrado, explorando como as produções audiovisuais podem ser utilizadas para valorizar, sensibilizar, explorar e registar a memória e o património imaterial.

Palavras-chave

documentário, memória, imagens de arquivo, património imaterial, concelho de Alcoutim

Resumo

O projeto “Mas Não é a Mesma Coisa” é um documentário que explora as memórias e costumes do concelho de Alcútem. Através da recuperação e montagem de imagens de arquivo registadas em cassetes VHS entre 1988 e 1999, aliadas a entrevistas com residentes locais e filmagens atuais, o filme reconstrói fragmentos do passado e reflete sobre a transformação do território e da sua comunidade. O documentário destaca o contraste entre lembranças preservadas e memórias esquecidas, mostrando como o tempo altera espaços, vivências e significados. A combinação entre registos visuais e sonoros cria uma narrativa que resgata histórias individuais e coletivas, sensibilizando para a importância da preservação da memória e da identidade cultural através de produções audiovisuais.

11. Res Incorporalis

Rafael París Miquel

ESMAD, PPorto
rafaelp1995@gmail.com

(Madrid, 1995) Fotógrafo emergente residente no Porto. A sua obra explora temáticas como a ausência, o desaparecimento, explorando as intersecções entre o documental e o artístico. Destacam projetos como Johnny Bloody Candy, CQ General Call, e Estúdio Paris. Rafael é fotógrafo oficial e conferencista do Experimental Photo Festival (Barcelona, 2025). Licenciado em fotografia, é estudante do Mestrado em Cinema e Fotografia – Especialização em Fotografia, na Escola Superior de Media Artes e Design do Politécnico do Porto (ESMAD-IPP).

Adriana Baptista

ID+|UA, ESMAD|P. Porto
mab@esmad.ipp.pt

Doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem é, atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica, Imagem e Cultura Visual, Imagem e Contextos Audiovisuais nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e Teoria e Crítica da Fotografia no Mestrado de Cinema e Fotografia. Faz investigação em Literacia Verbal e Visual, coordenou vários projetos de Investigação e é orientadora de vários projetos nos Mestrados em Fotografia e Cinema Documental e Experimental.

Olívia Marques da Silva

ID+|ESMAD|PPorto
oliviamarquessilva@esmad.ipp.pt

Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Bolseira do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural. Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante (em 2023 : <https://ceau.arq.up.pt/Elia/> Évora - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudiosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Em 2024 na Exposição Coletiva 50 anos do 25 de Abril, na Galeria do Centro de Arte de São João da Madeira , na Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, na Galeria do Auditório Municipal de Vila do Conde e Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, no Encontro de Fotografia da Covilhã, Diafragma. Olívia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos.

Cristina Castro

CIEBA|UL, ID+|ESMAD
cristinacastro@esmad.ipp.pt

(Porto, 1974), vive e trabalha no Porto. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, individual e colectivamente. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C., e licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade de Aveiro.

Palavras-chave

efemeridade, fotografia, ausência, temporalidade

Resumo

A efemeridade da vida, o desaparecimento e a ausência são tópicos hiper discutidos na conceptualização da temporalidade (tal como a descreve K. Pomian), nomeadamente, no que permite distinguir o tempo solar (cíclico) do tempo psicológico. Nos seus textos sobre a brevidade da vida, Séneca apresenta o tempo como elemento intangível condicionante da nossa existência. A partilha do nosso tempo aparece como um ato amoroso e, neste sentido, converge com o fotográfico – ou cinematográfico – como tentativa de fuga à efemeridade. A fotografia é vista como agente de resistência contra o irreversível, convocando assim a reversibilidade temporal do ausente. Esta problematização fica evidenciada na leitura de Roland Barthes (A câmara clara) sobre a fotografia de Lewis Payne realizada por Alexander Gardner: “está morto e vai morrer” (Barthes, 2006). O fotógrafo pode posicionar-se perante o desaparecimento natural, tal e como acontece nas obras Authorization do artista Michael Snow, e em Nine Polaroid Photographs of a Mirror de William Anastasi, ou na obra do fotógrafo Alberto García-Alix La ausencia como estímulo (García-Alix, 2024). O espaço fotográfico torna-se um limiar entre a passagem e a permanência. Focado no ato do desaparecimento, o projeto visual permitiu o visionamento cíclico, aparentado à escrita, onde o sujeito fotografado volta, incansavelmente, ao início, exigindo leituras labirínticas. No cruzamento da imagem e da escrita a dúvida entre o finito e o infinito reitera questões inerentes o medium, que aprisionam o leitor num ciclo no qual aceita o desaparecimento enquanto paradoxalmente sabe que tem poder para que tal não aconteça.

8 maio

Biblioteca

09h00 - 12h00

LAB_PROJETOS AUDIOVISUAIS EM ESCOLAS

Moderação: Linda Saraiva (inED | ESE-IPVC)

12.

CHURINGA – Narrativas textuais e audiovisuais na escola

Deise Mesquita

CEPAE / UFG
mesquitadeise@ufg.br

Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1984), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (1996), doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (2005) e estágio de pós-doutoramento realizado em aldeias de Moçambique, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018-2019). Atualmente é docente Titular no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás. Tem experiência na área de Educação Básica na perspectiva sistêmica; e interesse investigativo sobre questões relacionadas aos estudos linguísticos e literários, produções visuais e audiovisuais, processos pedagógicos de letramento, inclusão e formação profissional escolar.

Maria Alice Rocha

CEPAE / UFG

maria.carvalho@ufg.br

Professora da Universidade Federal de Goiás no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação. Doutorado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (2011), assim como seu mestrado (2000). Pós-doutoramento em Artes e Cultura Visual (2018) também na Universidade Federal de Goiás. Coordenadora do projeto de pesquisa interinstitucional Arte, psicanálise e educação: os procedimentos estéticos do cinema e as vicissitudes da infância (UFG, UEG, UFMS), coordenadora do projeto de extensão e periódico www.folhinhaaplicada.com, coordenadora do projeto de extensão Sessão Corujinha e membro do grupo de pesquisa Cinema e narrativas digitais da Associação de Produção e Animação Audiovisual Ao Norte/Portugal. Participante do projeto Churinga, memória e produção textual: resgate de histórias, mitos e lendas que compõem os corações das culturas e Postais da Terra.

Daniel Martins Pinheiro Maciel

Instituto Politécnico do Cávado e do Ave

danmpmaciel@gmail.com

Antropólogo doutorado na FCSH-UNL em Poder, Resistência e Movimentos Sociais, com a tese A Prata e A Semente: Atividades Socioculturais em Prisões do Norte de Portugal. Membro da AO NORTE e co-Director dos festivais ENCONTROS - Festival de Cinema de Viana, e MDOC - Festival Internacional de Documentário de Melgaço. Investigador Integrado no ID+ - Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, com interesses de investigação na área da preservação do património e sobrevivência em comunidades em risco de desintegração. Atualmente trabalha como coordenador e co-produtor de projetos ligados ao património cultural e ao documentário.

Palavras-chave

memórias, cultura, escrita, Educação Básica

Resumo

Este projeto de extensão, sob a coordenação do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, congrega outras escolas de educação básica estaduais, municipais e particulares de Goiás, com a participação da Associação de Produção e Animação Audiovisual (Ao Norte), com sede na cidade de Viana do Castelo, em Portugal. O título Churinga simboliza o sentido das ações e das produções textuais previstas no projeto, já que esta ancestral ferramenta utilizada em tribos aborígenes australianas tinha como função educativa de anciãos recontar histórias, mitos e lendas, que compunham o coração de suas culturas, aos mais jovens. No entanto, neste projeto, há uma subversão de papéis: os protagonistas a recriarem e recontarem as narrativas que farão lembrar o já vivido serão os jovens estudantes de educação básica participantes, cujo trabalho se constituirá na busca arqueológica de fatos captados em imagens fotográficas ou cenas audiovisuais, guardados como lembranças e recordações familiares. Outra adulteração à ordem original tem a ver com a forma de sua veiculação: ao invés de narrativas orais, serão produzidos textos audiovisuais e também escritos em linguagem formal, nos gêneros crônica, conto, escrivência etc., ou mesmo do tipo dissertativo. Não obstante, a ancestral função da churinga será respeitada: também agora, será um meio educacional de transmissão e produção de conhecimento, já que os textos a serem tecidos por muitas mãos no ambiente escolar não servirão apenas para resgatar o passado, mas também para inspirar a formulação do futuro, da realidade que se deseja e está por vir.

13.

Na Escola Com Sessão Corujinha: Animação E Elaboração

Andrea Alves da Silva Souza

CEPAE/UFG

andrea.souza@ufg.br

Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação - UFG (1991); Especialização em Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras -UFG (1997) Participou de pesquisa sobre gêneros do discurso. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua Portuguesa, alfabetização, texto, leitura,

literatura, gêneros e argumentação. Atualmente é professora efetiva da Universidade Federal de Goiás, lotada no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, desde 1993. Mestre pelo Programa de Pós-graduação do Ensino Básico no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da UFG.

Maria Alice de Sousa Carvalho Rocha

CEPAE/UFG

maria.carvalho@ufg.br

Sonia Maria Rodrigues

FE/UFG

sonia@ufg.br

Maria Auxiliadora Fernandes Justiniano

FE/UFG

mariaauxiliadora@discente.ufg.br

Ronnan Raimere Cavalcante Mota

FE/UFG - CEPAE/UFG

ronnan.raimere@discente.ufg.br

Graduando em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Realiza pesquisas voltadas para a análise de obras literárias infantis e suas relações com o ensino de Ciências da Natureza, com enfoque na alfabetização científica e desenvolvimento crítico de crianças. Tem interesse nas áreas de educação infantil, literatura e práticas educativas interdisciplinares. Tem também experiência na organização de eventos acadêmicos e participação em simpósios e congressos na área de educação e ciências humanas.

Palavras-chave

extensão, ensino, animação, Stop Motion

Resumo

O Projeto de Extensão Sessão Corujinha: infância e audiovisual objetiva o encontro dos estudantes da Educação Básica com o cinema e com o audiovisual. É vinculado à pesquisa institucional Arte, psicanálise e educação: procedimentos estéticos no cinema e as vicissitudes da infância (Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Universidade Estadual de Mato Grosso) e conta com a participação de professores, estudantes da graduação e da pós-graduação, membros externos e bolsistas voluntários das instituições parceiras. A equipe executora se reúne de acordo com a necessidade para estudar conceitos fundamentais sobre a infância, o cinema e o audiovisual a fim de planejar e viabilizar as sessões de cinema, as oficinas e os projetos de ensino, abertas ao público interessado. Essa comunicação pretende apresentar o trabalho realizado com a imersão ao cinema de animação, especialmente aqueles realizados com Stop Motion por meio de sessões fílmicas e atividades de criação. As sessões foram abertas às crianças de todas as idades, sendo realizada no Cepae/UFG. Nelas investiu-se na discussão e no trabalho colaborativo, com exercícios de produção de narrativas, construção de personagens e experimentação com um aplicativo gratuito, resultando em muitas produções autorais. Observou-se o potencial desse tipo de experimentação, no qual o território infantil aliado a animação foi explorado com participação, criatividade e imaginação. O processo de animação com stop motion se constituiu numa modalidade bastante potente para ser viabilizada na escola, ampliando as possibilidades de evocar conteúdos educativos e curriculares, de modo a permitir que o estudante pense criticamente e elabore sobre o mundo.

14. Cinema e educação em foco: a experiência do Cinevida

Rita Márcia Magalhães Furtado

UFG
rmmfurtado@ufg.br

Professora Associada IV na Universidade Federal de Goiás.

Luciana Alves Rodrigues

FE/UFG
lualvesrodrigues@discente.ufg.br

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação/ FE/UFG.

Pollyanna Rosa Ribeiro

PUC-G
pollyanna.rosa.ribeiro@gmail.com

Professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Palavras-chave

educação, cinema, Cinevida, estética fílmica

Resumo

Este trabalho tem o propósito de relatar as atividades do Cinevida, Mostra Fílmica da linha Estética, Educação e Processos de Criação do Núcleo de Estudos em Educação, Violência, Infância, Diversidade e Arte (NEVIDA) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Brasil. O Cinevida é um projeto de extensão, portanto aberto à comunidade acadêmica e à comunidade em geral, cuja temática aborda aspectos referentes à educação e à contemporaneidade, envolvendo assim aspectos referentes ao conhecimento, ao processo de formação, à estética, à política e à arte. O propósito das discussões suscitadas no âmbito da mostra é o de explorar a potência estética do cinema, sua relação com os aspectos sensíveis presentes no cotidiano, e, portanto, na história, com uma narrativa que abrange, para além dos elementos técnicos, os elementos subliminares que compõem seu universo estético, enfatizando a relação do sensível com o inteligível no universo fílmico ao mesmo tempo em que, através da análise fílmica, suscita sua vertente epistemológica. A mostra é seguida de debates com membros do NEVIDA, cineastas ou pesquisadores da temática fílmica, promovendo, há oito anos, um diálogo profícuo entre cinema e educação.

15. Cinema como Recurso-Pedagógico na Formação Docente: Reflexões a partir do 'Especial Regresso às Aulas', RTP2

Adalgisa Castro Maia Pontes

ESE-IPVC | inED | CIEC
adalgisapontes@ese.ipvc.pt

Doutorada em Didática da Educação Artística pela Universidade de Valladolid, Espanha, é professora no Instituto Politécnico de Viana do Castelo. A sua atividade centra-se na formação de professores, na investigação em didática da Educação Artística e no desenvolvimento de projetos artísticos com uma profunda ligação à comunidade. A música é a essência do seu trabalho, orientando a pedagogia, a investigação, a formação, a criação e a interpretação.

Carlos Almeida

ESE-IPVC | inED | CIEC
calmeida@ese.ipvc.pt

Carlos Almeida é Licenciado em Educação Musical pela ESE-IPVC, Mestre em Artes (Educação Musical)

pela Universidade de Surrey Roehampton, Londres, e Doutor em Didática da Educação Artística pela Universidade de Valladolid. Atualmente, é docente no Instituto Politécnico de Viana do Castelo – Escola Superior de Educação, Portugal, onde coordena o Mestrado em Educação Artística. A sua área de especialização inclui Educação Artística, aptidão musical e formação de professores. Coedita a revista internacional online “Diálogos com a Arte” (www.esse.ipvvc.pt/revistadiálogoscomaarte).

Palavras-chave

filme, formação docente, recurso pedagógico

Resumo

No início do ano letivo 2024/2025, a RTP2 promoveu um “Especial Regresso às Aulas”, apresentando uma seleção de oito filmes. A partir dessa iniciativa, os estudantes do curso de Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no âmbito da unidade curricular Didática das Expressões Artísticas, foram desafiados a refletir sobre o papel do filme como recurso educativo na formação de educadores e professores. Com base num paradigma fenomenológico interpretativo, recorrendo a uma metodologia qualitativa e ao método de estudo de caso, procurou-se compreender o conhecimento prévio dos estudantes sobre os filmes propostos, a relevância dos conteúdos para a sua formação profissional e o potencial do filme no desenvolvimento de competências artísticas e pedagógicas em crianças. Os resultados evidenciam o reconhecimento do cinema como um recurso pedagógico significativo. Embora os estudantes estivessem familiarizados com apenas metade dos filmes apresentados, a iniciativa estimulou uma reflexão mais ampla sobre o potencial educativo de outras obras. Além disso, os participantes sugeriram novos títulos que, até então, não tinham sido perspetivados e explorados com potencial pedagógico inerente. Desta forma, destaca-se a importância de dar continuidade e expandir este tipo de iniciativas, promovendo a transversalidade do filme na formação docente.

16.

Cineclube Vozes na tela: Empoderando jovens através do audiovisual

Thaisy de Carvalho Rocha Gomes

Centro De Ensino Em Período Integral Deputado José De Assis
thaisycrgo@gmail.com

Thaisy de Carvalho Rocha Gomes, possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (2003) e mestrado em Ensino na Educação Básica pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPGEEB) do CEPAE/UFG (2023). É especialista em Psicopedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira (2005) e em Atendimento Especializado em Altas Habilidades/Superdotação pela Faculdade Delta (2010). Professora efetiva da Rede Estadual de Educação de Goiás desde 1999, desenvolve pesquisas nas áreas de Educação Básica, Inclusão, Formação de Professores, Cineclubes, Produção Audiovisual, Protagonismo Estudantil e Cinema.

Palavras-chave

protagonismo juvenil, cineclube, cinema, criatividade, audiovisual

Resumo

O projeto Cineclube Vozes na Tela, desenvolvido no Centro de Ensino em Período Integral Deputado José De Assis, tem como objetivo integrar a cultura cinematográfica ao ambiente escolar, estimulando o pensamento crítico, a criatividade e o protagonismo dos estudantes do ensino fundamental e médio. A proposta alia a exibição e discussão de filmes à produção de curtas-metragens autorais, incentivando os alunos a explorarem o audiovisual como meio de reflexão e expressão social. A intenção é que os estudantes desenvolvam um olhar mais sensível e analítico sobre as narrativas audiovisuais, compreendendo o cinema como um meio de expressão, conhecimento e transformação social. Além das sessões de cinema organizadas pelos próprios estudantes, o projeto promove debates sobre temas relevantes e oficinas de produção audiovisual com apoio dos alunos do curso técnico em Desenvolvimento em Web Cyber Security. Como culminância, os curtas-metragens produzidos pelos participantes são exibidos em um evento anual de premiação, valorizando a voz e a

perspectiva dos jovens. O cineclube, portanto, não apenas amplia o acesso à cultura cinematográfica, mas também transforma o cinema em uma poderosa ferramenta de aprendizagem, inclusão e engajamento social.

17.

Da Tela ao Texto : O Uso de Produções Audiovisuais como Ferramentas para Estimular a Prática da Escrita na Educação Básica

Danielle Gomes Geraes Lima

CEPAE/UFG

daniellegomesgeraes@gmail.com

Mestranda em Ensino na Educação Básica.

Palavras-chave

audiovisuais, produção de textos, educação

Resumo

O presente estudo trata-se de um relato de experiência pedagógica produzido a partir da participação no projeto Churinga desenvolvido pelo Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da Universidade Federal de Goiás (UFG). O objetivo desse relato é enfatizar as contribuições positivas do uso de recursos audiovisuais para estimular e potencializar a prática da escrita na Educação Básica. Para isso, compreendemos o texto como lugar de interação entre o sujeito autor e seu interlocutor. Nesse sentido, o texto é analisado em sua natureza dialógica, conforme elucidam os estudos de Bakhtin (2006) sobre os gêneros do discurso. Essa natureza dialógica do texto, é potencializada quando, em sala de aula, o professor utiliza de recursos audiovisuais para apresentar aos alunos, na prática, como ocorre a produção de sentidos dentro do texto, visto que esses recursos permitem, por meio das imagens, sons e movimentos, o desenvolvimento da leitura crítica de narrativas de modo que favorece, posteriormente, a construção de parágrafos mais coerentes. O ato de registrar, por meio da escrita, a vivência, a experiência da humanidade ao longo dos tempos é de extrema importância para perpetuar nossas histórias e costumes. Escrever é fixar, nas memórias do tempo, as nossas peculiaridades e também aquilo que é universal, aquilo que é humano. Os recursos audiovisuais potencializam essa experiência humana e universal, uma vez que expõem os alunos a diferentes realidades e permitem a expressão de opiniões por meio de textos narrativos e argumentativos. As aulas de redação devem proporcionar aos alunos momentos de reflexão, pesquisa e questionamento. Nesse aspecto, as produções audiovisuais são ferramentas de grande valia para análise crítica, pois ao vivenciar diferentes culturas, posicionamentos e realidades, por meio de documentários, filmes, e curta metragens, o aluno será capaz de tomar consciência de si mesmo como sujeito inserido neste mundo e, portanto, compreender-se como agente de transformação da realidade. Isso fará com que as produções de textos se tornem mais significativas. Além disso, uma dificuldade evidente para alunos do ensino fundamental é a ordenação da narrativa em uma sequência lógica dos acontecimentos. A esse respeito, o trabalho com a produção de audiovisuais como ponto de partida da proposta de redação é magnífico, pois a criação de audiovisuais estimula a criatividade dos alunos, favorece o uso de diferentes linguagens e corrobora para superar essa dificuldade de sequenciamento da narrativa, uma vez que após a produção do audiovisual, os alunos demonstram maior facilidade na construção de textos mais coerentes nesse aspecto. A experiência de participação no projeto Churinga foi fantástica e proporcionou tanto para os educadores quanto para os alunos um novo olhar para a prática de produção textual entrelaçando habilidades de domínio das novas tecnologias para elaboração e edição dos vídeos e também as habilidades de escrita, essenciais para a trajetória acadêmica. Entre a tela e o texto escrevemos, juntos, histórias de sucesso.

19.

Vozes da Ecovila: Cinema, histórias que transformam

Carlos Pontes

UFRPE

Doutor em Saúde Pública. Professor Titular de Filosofia e Bioética da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Vice-Presidente da Associação Ecovila Santuário dos Jatobás (AESJ). Participantes no projeto vozes da ecovila (memória audiovisual da ecovila).

Maria Thereza Didier de Moraes

UFPE

Professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco. Coordenadora do grupo de pesquisa LEVE (Laboratório de Experiência, Visualidade e Educação). Participante no projeto Vozes da Ecovila (memória audiovisual da ecovila).

Maria José Cavalcanti Freitas

HR

Médica formada pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco. Preceptora da residência médica em cirurgia vascular do hospital da restauração. Especialização em psicoterapia transpessoal pela associação brasileira de pesquisa e ensino em psicologia transpessoal – ABRAPET. Colaboradora na formação de jovens e adolescentes do Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis – NEIMFA, na comunidade do Coque. Participante no projeto Vozes da Ecovila (memória audiovisual da Ecovila Santuário dos Jatobás).

José Ribeiro

AO NORTE

Bacharel em Cine-vídeo pela Escola superior Artística do Porto, Licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto, Mestrado e Doutorado pela Universidade Aberta, Pós-doc pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desenvolve atualmente pesquisa no âmbito da antropologia visual; antropologia e cinema; autogeosociobiografias. Professor visitante na Universidade Federal de Pernambuco – EDU-MATEC. Sócio da AO NORTE onde coordena o Grupo de Estudos de Cinema e Narrativas Digitais e o Fora de campo – Curso de Verão no MDOC – Festival Internacional de Documentário de Melgaço. Participa em projetos de pesquisa em Portugal e no Brasil.

Resumo

A Ecovila Santuário dos Jatobás é uma associação que tem como objetivos o reflorestamento, a construção de formas de habitar e conviver diferenciadas e a relação com a comunidade local. O projeto Cinema: histórias que transformam surgiu a partir de uma ação inicial desenvolvida, pelo grupo Vozes da Ecovila, na escola da comunidade quilombola, em que os alunos criaram duas histórias em vídeo: “Vida na Escola” e “Mudança”. O projeto busca consolidar o uso do cinema na escola, em linha com a Lei Federal 13.006/2014, que obriga a exibição de filmes nacionais nas escolas. O projeto prevê também a produção de trabalhos audiovisuais, a interação com outros projetos similares, a formação de professores e multiplicadores e a colaboração com secretaria de educação do município de Pombos de modo a assegurar a autonomia do projeto, o intercâmbio com outros projetos regionais, nacional e internacionais e ampliar o olhar dos alunos e dos jovens da comunidade para novos horizontes profissionais, sociais e culturais.

20.

AO NORTE – Escolas em Grande Plano

Felipe M. Guerra

AO NORTE

Felipe M. Guerra é um jornalista e cineasta nascido no Brasil. Tem Mestrado em Comunicação Audiovisual pela Universidade Anhembi Morumbi (São Paulo) e em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas pela Universidade do Porto. Como realizador, iniciou a sua carreira com filmes independentes produ-

zidos em vídeo na década de 1990. Desde então, aventurou-se por vários géneros (horror, comédia, documentário) e teve os seus trabalhos exibidos em festivais como Fantasporto, em Portugal, e Sitges, em Espanha. Entre 2014 e 2019 foi gerente e programador da sala de cinema do Cine Santander Cultural, uma das mais importantes do Sul do Brasil. Radicado em Portugal desde 2019, Felipe integra atualmente a equipa de formadores dos projetos CINEpoesia, Os Lumièrre na Sala de Aula e Um Minuto, Um Filme, todos desenvolvidos pela AO NORTE, Associação de Produção e Animação Audiovisual. Nas edições anteriores dos Encontros de Cinema, ministrou as atividades de formação “A História do Cinema em 40 Sequências” e “A Linguagem do Cinema”.

Palavras-chave

escolas, audiovisual, formação, educação

Resumo

A Associação AO NORTE, com a colaboração da Câmara Municipal de Viana do Castelo e do ICA, Instituto do Cinema e do Audiovisual, tendo como parceiro privilegiado a Escola tem vindo a desenvolver junto das crianças e jovens o projeto Escolas Em Grande Plano, que contempla atividades originais e diversificadas de literacia cinematográfica. São ações realizadas ao longo do ano letivo, com diferentes objetivos pedagógicos e destinatários que atravessam todos os níveis de ensino e procuram desenvolver o interesse pelo cinema e o audiovisual, sensibilizar alunos e professores para estas formas de expressão e para as tecnologias associadas, proporcionando aos jovens os meios de análise, criação e de produção que permitam novas formas de expressão.

8 maio

10h00 - 12h15

Auditório

MESA.3 ANÁLISE FÍLMICA

Moderação: João Gigante

Sessão 1

10h00 - 11h00

21.

A Luz como Substância Transcendental na Arte do Cinema e da Pintura

Raquel Rato

ESE-IPVC

mraquelalves@ese.ipvc.pt

Raquel Rato é Realizadora e Doutorada em Cinema e Audiovisual pela Universidade Paris 3 – Sorbonne Nouvelle (2013). Autora do livro, *La Lumière dans le Cinéma: L'œuvre d'Acácio de Almeida comme directeur de la Photographie* (2015). Desde 2014, é investigadora no IHC-FCSH NOVA, dedicando-se à História Oral do Cinema Português. Em 2019, recebeu apoio da Fundação Calouste Gulbenkian para a criação do projeto, *Palavras em Movimento: Testemunho Vivo do Património Cinematográfico*, do qual é coordenadora. Tem trabalhos publicados em revistas científicas internacionais, na Argentina, Brasil, Colômbia, Itália. Desde 2023 é Professor Adjunto e Coordenadora da Licenciatura em Artes e Cinema Digital na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo – IPVC.

Filipe Rodrigues

ESE-IPVC

f.rodrigues@ese.ipvc.pt

Filipe Rodrigues, Doutorado em Artes Plásticas (2022) pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Professor Adjunto Convidado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Realizou mais de 400 exposições coletivas, Otawara (Japão, 2024), Journée de l'Estampe Contemporaine (Paris, 2024) e 32 individuais (Portugal e Espanha), recebeu 28 prémios e distinções em Artes Plásticas. Recentemente: autor do projeto “Linha de Água - Bienal de Arte Contemporânea

de Trás-os-Montes” (2022), Projeto Encaixe (2024), Curador de “Atrás da Tela (Eu Não Sou Nada) (2024). Exposições no Brasil, Canadá, Espanha, França, Grécia, Estados Unidos da América, Japão.

Palavras-chave

luz, cinema, pintura, pintor, Diretor de Fotografia, criação

Resumo

A imagem cinematográfica nutre-se das características da luz, de natureza física e da sua natureza criativa; e, tal como os pintores diante das telas em branco, o diretor de fotografia tem, no enquadramento cinematográfico, os limites físicos para compor a sua obra, extrapolando a criação, os limites psicológicos da percepção e um modo especial do pensamento. A percepção do vínculo da luz no cinema deve convir com o seu ideal de um elemento estrutural, de carácter ontológico. Enquanto na pintura verifica-se outro estado, é o que objetivamente está presente na reação da matéria/corpo de tinta e por efeito, também contido na natureza da representação pictórica. É por esse diferente carácter da luz na pintura e no cinema que essa exercerá funções de representação, em geral, diferentes em ambas. As representações pictóricas pintadas (imagens estáticas) estão destinadas a “constituir-se em nós” por uma duração ilimitada. No cinema, é pela instantaneidade de uma imagem efémera que as nossas emoções são provocadas. Em pintura as iluminações, ambiente tonal ou mesmo a noção de temperatura do tom são como que solidificadas por uma estática própria a esta arte, e a emoção nasce da força destes dispositivos estáticos. No cinema, a luz, pode ser apreendida em toda a sua mobilidade natural. Deste modo, a distinção é reveladora de um simples sinal, claro e elementar, a sua necessidade propedêutica em estruturar a elaboração mental do pensamento discursivo sobre a luz através das diferenças da pintura e dos filmes.

22.

Vários cães de chuva, uma família improvável: 'Rainy Dog' de Takashi Miike (com apontamentos sobre Daniel Jonas)

Pedro Manuel Ribeiro de Sousa Meneses

ESE-IPVC | UM

pedro10meneses@gmail.com

Pedro Meneses é professor no IPVC e na Universidade do Minho, em cujo Centro de Estudos Humanísticos é investigador. Foi professor visitante na Universidad de los Andes (Bogotá). Publicou 'Um valoroso lugar incerto. A cartografia do humano em Uma viagem à Índia de Gonçalo M. Tavares' (Húmus, 2018). Em 2023, verteu para português 'O que fizemos' da autora mexicana Tedi López Mills (Edições Cutelo). Tem escrito ensaios sobre vários autores de língua portuguesa em contextos nacionais e internacionais. É atualmente membro do projeto 'Luiz Pacheco Passeia por Todo o Papel (1925-2025)' e integra projetos de documentários sobre José Cardoso Pires e sobre a cidade de Braga com curadoria de Gonçalo M. Tavares.

Palavras-chave

abandono, cinema, melancolia, poesia, violência

Resumo

Em 'Rainy Dog' de Takashi Miike (1997), o espectador segue a intimidade de Yujiro que, durante o dia, é um yakuza enquanto, à noite, transporta porcos para um matadouro. Percebe-se que se trata de um japonês exilado da sua terra, sem serem discerníveis as razões para isso, e que perambula pelos bairros menos sofisticados de Taipei. Interessa problematizar de que modo o cineasta japonês elabora uma descrição do lado sombrio e melancólico desta personagem a que se pode associar uma exasperação constante relacionada com a sua propensão criminosa (seguindo-se os contributos teóricos de Tom Mes). Pelo seu desamparo, Yuji torna-se um 'cão' exposto à inclemência da chuva, sem nenhum abrigo psico-existencial. É análogo a outras personagens com quem se cruza e fará família: um filho surdo-mudo e uma prostituta, a qual também deseja regressar ao Japão de que é oriunda. O cineasta regista o abandono da condição humana com o mesmo grau de delírio frio com que dela se compadece, através de planos longos, negros e contemplativos. Põe-se a hipótese de

essa família ser a utopia possível: um exílio coadjuvado por outros exílios, segundo Giorgio Agamben. Pretende-se pontuar a interpretação do filme de Miike com um diálogo interartístico com 'Cães de Chuva' (2021), de Daniel Jonas, obra poética frequentada por seres desamparados, que sangram e não singram, como refere um dos seus poemas.

23.

Aki Kaurismäki, o cineasta que surxiu do frío

Miguel Castelo

Ábrago Filmes

abragofilmes@gmail.com

Miguel Castelo, logo de abandonar a súa profesión de mariño mercante, atraído polo mundo da comunicación, realiza o estudos de Ciencias da Información, na especialidade de Imaxe e Son, na Universidade Complutense de Madrid, onde se licencia en 1976. En 1979, crea a marca produtora ÁBRAGO FILMES e, tras uns anos dedicado a labores de xornalismo en prensa, radio e TV e á realización de labores de organización e difusión na primeira etapa da Dirección Xeral de Cultura da Xunta de Galicia, retoma en 1990 a actividade da produción e realización cinematográficas. Tem escrito traballos (artigos, informes, entrevistas, reportaxes) sobre cinema, teatro e outros aspectos da cultura en diversas publicacións e xornais galegos e de fóra de Galicia, impartido cursos sobre narrativa audiovisual e efectuado colaboracións en TVE en Madrid, no seu Centro Territorial de Galicia e na TVG. Así mesmo, ademais de traballar, realizando labores diversos, na maior parte das producións galegas dos 70, foi membro fundador da, xa desaparecida, empresa audiovisual "Trama", pioneira en Galicia na especialidade do vídeo industrial. A súa primeira realización como guionista e director, O pai de Migueliño, foi seleccionada nos máis importantes encontros cinematográficos españois (San Sebastián, Valladolid, Bilbao, Gijón...) e estranxeiros (Oberhausen, Moscova, Utrecht, Londres) e galardoada co Premio da Crítica no V Certamen Internacional de Films Cortos "Ciudad de Huesca" e cunha Mención Especial na XIX Setmana Internacional del Cinema de Barcelona. O seu último traballo polo momento, O desexo, obtivo o Gran Premio do Cinema Español do XXXVI Festival Internacional de Cinema Documental e de Curtametraxe de Bilbao, o Prémio Especial do Juri e o Prémio da Organización do Festival Internacional de Cinema do Algarve, o Tatu de Prata á Melhor Fotografía do XXII Festival Internacional de Cinema de Bahia e o Premio AEC á Mellor Fotografía en la VI Semana Internacional de Cinema Experimental de Madrid. Así mesmo, ademais de ser incluído no Panorama de Cinema Español do XVI Festival Internacional do Novo Cinema Latinoamericano da Habana, do Curtocircuíto de Nápoles 96 e do II Festival Internacional do Cortometraggio de Siena, O desexo foi seleccionado oficialmente para tomar parte nos festivais internacionais de Mannheim-Heidelberg, Huy, Namur, Alcalá de Henares e Torelló, nas súas edicións cuadrexésimo cuarta, trixésimo quinta, terceira, vixésimo quinta e décimo cuarta, respectivamente. En calidade de produtor executivo, levou a cabo Isolina do Caurel, de Chema Gagino, e O matachín, de Jorge Coira (Premio á Mellor Curtametraxe no I Festival de Cinema Independente de Ourense).

Palabras-chave

literatura, marxes, loita, resiliencia, humor, música

Resumo

A piques de facer ao seu vixésimo filme de ficción, Aki Kaurismäki é un cineasta que oficia con regularidade, pusuidor dun mundo propio e recoñecido pola crítica internacional. A súa estima polas capas sociais máis desfavorecidas, o seu particular sentido do humor e unha posta en escena sinxela e narrativamente eficaz fan del un autor admirado polos seguidores da súa obra, que acuden axiña ás salas cando a elas chega a estrea da súa nova entrega. Un público fiel ao que se suman sen o dubidar as novas xeracións logo como descubren a súa existencia. E, se cadra, pola súa condición de persoa sinxela e espida de divismo, de realizador que non gusta da sobrexposición aos medios, é polo que esperta a curiosidade e o entusiasmo dos seus seguidores. O obxectivo desta achega é afondar unha miga nas características da súa obra, realizando un percorrido polos títulos máis significativos dela.

Sessão 2

11h15 - 12h15

24.

Vale dos céus: uma reflexão sobre o processo adaptativo da obra literária os sete

Sophia Rodrigues Batista

CEPAE / UFG

sopherodriguesbatista@gmail.com

Roteirista e diretora, bacharel em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e colaboradora do Projeto de Extensão Sessão Corujinha (CEPAE/FE/UFG).

Palavras-chave

adaptação literária, roteiro adaptado, vampiros, terror, André Vianco, Os Sete

Resumo

As produções cinematográficas adaptadas de livros motivam uma atenção considerável do público, pois atraem pessoas curiosas para o cinema, causando polêmicas que são próprias desse tipo de produção. As opiniões a respeito da qualidade do material variam por sofrerem influência do envolvimento pessoal com o livro e/ou do repertório cinematográfico de cada espectador. É inegável que existem algumas obras que são consideradas melhores do que outras, pois alguns espectadores saem do cinema com a impressão de uma infidelidade de sua obra preferida. Essa compreensão posta pelo espectador reforça o interesse em compreender como uma adaptação se dá no processo de produção do roteiro. Qual o passo a passo a ser seguido? É essencial seguir à risca os elementos da obra literária ou há espaço para criação? É possível conciliar linguagem cinematográfica e linguagem literária, de forma que os aspectos principais do livro sejam respeitados sem prejudicar a experiência do filme? Essas são algumas questões sobre as quais essa comunicação procurará refletir. Para isso, apresentará o processo adaptativo de uma obra literária para o cinema, a partir de um projeto experimental de média metragem, realizado no curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Estadual de Goiás. O livro escolhido para tal foi Os Sete (2000), de André Vianco, um autor brasileiro dos gêneros terror e fantasia. Este trabalho foi construído em três etapas. Na primeira etapa, buscou-se aprofundar na teoria acerca da adaptação para assimilar o processo de construção de um roteiro adaptado. A segunda etapa consistiu nos estudos sobre o contexto histórico-social no recorte feito do livro e na terceira refletiu-se sobre os processos seguidos para a realização do roteiro adaptado. Espera-se que essa exposição contribua para o debate e a pesquisa no universo da adaptação, tendo em vista a discussão ainda muito polarizada que cerca a temática cinema, literatura e adaptação.

25.

A estética do imprevisto: considerações sobre o uso do acaso no cinema

José Luís Freitas

ESMAD | IPP

E-mail: hello@joslffreitas.com

José Freitas (dez. 1997) é realizador, produtor, assistente de realização e artista multimédia, residente no Porto. Formado na Solent University de Southampton, licenciou-se em Film Production com honras de primeira classe do ensino superior britânico. Atualmente, frequenta o mestrado em Cinema e Fotografia na ESMAD, com especialização em Cinema Documental e Experimental.

Palavras-chave

acaso, realismo estético, docuficção, autenticidade estética

Resumo

O presente artigo examina o uso do acaso como ferramenta estética no cinema, inserido num regime de realismo estético que reconhece a autonomia das obras e a sua autorreflexividade. O acaso surge como um recurso estilístico que permite criar uma experiência estética que transcende a mera reprodução do mundo visível, ainda que esse realismo seja construído. A investigação foca-se na análise comparativa entre Abbas Kiarostami e Roberto Minervini, explorando como cada um utiliza o acaso e a contingência para moldar as suas obras. Ambos os cineastas, frequentemente categorizados dentro do cinema híbrido ou da docuficção, partilham características que os aproximam do conceito de realismo estético, apesar das suas abordagens distintas. Enquanto Kiarostami integra-se ativamente no processo narrativo, assumindo a intervenção autoral como um elemento estruturante, Minervini adota uma postura observacional, permitindo que os eventos se desenrolem sem manipulações evidentes. Este artigo fundamenta-se nas reflexões teóricas de Filipe Martins, que estuda o acaso como elemento constitutivo do realismo estético. A análise das obras de Kiarostami e Minervini demonstra como o acaso, mais do que um fator aleatório, é utilizado estrategicamente para reforçar a autenticidade estética e desafiar as convenções da representação cinematográfica. Assim, este estudo pretende contribuir para a compreensão do papel da contingência na construção do realismo no cinema contemporâneo.

26.

O Cinema experimental na coleção da Cinemateca Portuguesa: contributo para um mapeamento de autores/as e obras (1929-2024)

Raquel Moreira

ESE-IPVC

raquelazmoreira@gmail.com

Raquel Moreira (Porto, 1983). Artista plástica, doutorada em Arte Contemporânea no Colégio das Artes da Universidade de Coimbra (2021). Foi bolseira da FCT (2018 a 2021). É membro integrado do grupo Cinemas / ID+ e professora no IPVC (desde 2016), tendo lecionado também na Universidade do Minho (2021 a 2023). Integrou a equipa permanente da Solar Galeria de Arte Cinemática e do festival Curtas Vila do Conde (2006 a 2015), do qual é membro da comissão de seleção. É ainda membro da Direção dos Encontros de Cinema de Viana, AoNorte.

Palavras-chave

cinema experimental, artistas, Cinemateca Portuguesa

Resumo

A presente comunicação resulta de um trabalho de pesquisa desenvolvido no âmbito do Programa de Bolsas de Investigação de curta duração da Cinemateca Portuguesa, que teve lugar durante o mês de setembro de 2024. Com recurso a uma pesquisa bibliográfica e fílmica centrada em obras experimentais realizadas ao longo do último século por artistas e cineastas portugueses/as que integram a coleção do ANIM (Arquivo Nacional de Imagens em Movimento), procuramos contribuir para a identificação e visibilidade de autores/as e obras existentes no espólio da instituição. Procuramos também analisar a presença de filmes realizados por artistas mulheres, dentro da cinematografia portuguesa, identificadas ou identificáveis dentro da categoria experimental.

8 maio

quinta-feira

14h00 - 16h00

Auditório

Mesa temática “Cinema no Teatro / Teatro no Cinema”

Moderação e Discussão: Frederico Dinis (ID+ | IPCA | ESE-IPVC)

O tema proposto ‘Cinema no Teatro / Teatro no Cinema’ é multifacetado e abrange aspetos desde a rejeição, a concorrência, a inspiração recíproca e a colaboração. Historicamente, o cinema teve um percurso difícil para alcançar o estatuto da sétima arte, lado a lado com o teatro. Inicialmente, as atrizes e os atores conceituados recusavam aparecer em filmes, tendo sido o então novo médium considerado um espetáculo feirante sem dignidade. Na primeira década do século XX vaticinava-se que esta técnica de imagens em movimento não iria perdurar. No entanto, com o desenvolvimento tecnológico das câmaras e a crescente popularidade do cinema, surgiram também oportunidades financeiras, projetos lucrativos e ambições artísticas que atraíram encenadores e atores do teatro. Muitos dos primeiros atores vindo do mundo do teatro, bem como a necessidade de encontrar argumentos conhecidos ou melhor reconhecidos, fez que se procurasse peças aclamadas nos palcos pela crítica e pelo público. Ainda hoje em dia, a designação ‘Cineteatro’ refere a um espaço utilizado pelas duas formas de espetáculo e indica não tanto uma situação antagonista, mas o potencial simbiótico e sinérgico das artes.

27.

A Convergência do Teatro e do Cinema: o papel da imprensa nas transformações culturais

Ana Catarina Lima

CLA/UAB

Ana.Lima@uab.pt

Licenciada em Português, Latim e Grego (via ensino) pela Universidade de Aveiro e mestre em Arte e Educação pela Universidade Aberta. Tem adquirido competências em diversas formações na área da Literacia digital, História, Fotografia e Cinema. As suas áreas de investigação e intervenção incidem na esfera da Arte, Educação, Literacia Digital, Memória e História da Educação, tendo realizado e publicado trabalhos de investigação na Rede Oblid – Rede de Investigação e Intervenção para a Literacia e Inclusão Digital, na Unidade Móvel de Estudos sobre o Local da Universidade Aberta (ELO) e ainda em projetos colaborativos de investigação sobre História da Educação e da Cultura em Ponte de Lima, enquanto Coordenadora do Centro Local de Aprendizagem da Universidade Aberta em Ponte de Lima, onde assumiu funções desde 2010. Desde 2021, exerce funções na qualidade de Conselheira Externa Local para a Igualdade, no Município de Ponte de Lima.

Resumo

A integração entre o teatro e o cinema, a chegada do cinematógrafo e a utilização de espaços teatrais para a projeção de filmes revelam uma dinâmica de consumo cultural que reflete os contextos económicos e sociais. Em regiões mais rurais, como a vila de Ponte de Lima, transformam-se espaços para projeções cinematográficas, como salas de teatro, feiras e eventos sociais. Nesse contexto, o cinema aproxima-se do teatro, assemelha-se ao teatro e, ao mesmo tempo, compete com ele pelo público. A adaptação ou mesmo a hibridização de espaços não foi apenas uma progressão natural, mas também um testemunho dos elementos narrativos partilhados por ambas as formas de arte, um momento de transformação na própria compreensão da arte da representação. Em paralelo, o papel da imprensa assume particular importância, pela forma como conduz e aprecia criticamente essas manifestações culturais.

28. Cinema no teatro: ver-se a si próprio no ecrã

Gerald Bär

CEEC/UAb

Gerald.Bar@uab.pt

Docente da Universidade Aberta e membro do CECC (Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica). Obteve o grau Magister Artium (em Estudos Germanísticos, Estudos Anglísticos e Ciências Políticas) pela Albert-Ludwigs- Universität de Freiburg e o Doutoramento em Ciências Sociais e Humanas, especialidade em Estudos Alemães, pela Universidade Aberta. Áreas de investigação: Estudos de Cinema, Literatura Alemã, Literatura Comparada, Estudos de Tradução. Publicações recentes: *Grosses Kino: O Cinema Mudo Alemão em Portugal* (2022); *“Orpheus and Eurydice Revisited”* (2022).

Resumo

No contexto de uma análise de perspetivas autorreflexivas, tanto no cinema, como no teatro examina-se o fenómeno de se ver a si próprio no ecrã, proporcionado pelo novo medium cinematográfico no início do século XX. O inicial espanto e até o medo de se ver num filme, dá lugar ao lúdico desdobramento do ator no ecrã possibilitado pelo avanço tecnológico das camaras. A utilização de elementos cinematográficos no teatro faz parte de uma inesperada aproximação interartística. Testemunhos da época ilustram este processo de mútua inspiração entre a sétima arte e o teatro que resulta em novas perspetivas na encenação e em novos hábitos de ver no público. Além disso, a abordagem simbiótica entre as artes proporcionou dimensões inéditas de autoconhecimento para atrizes e atores.

29. O Teatro de Manoel de Oliveira

Luis Carlos Pimenta Gonçalves

IELT / UAb

Luis.Goncalves@uab.pt

Professor Associado da Universidade Aberta. Membro integrado do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (FCSH - Universidade Nova de Lisboa). Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade da Sorbonne Nouvelle – Paris III, tem estudado adaptações e transposições de textos literários para libretos de ópera, filmes, banda desenhada e jogos para computador, publicando estudos sobre estes temas.

Resumo

Numa das falas do filme *Le Soulier de Satin* (*O Sapato de Cetim*), Manoel de Oliveira afirmava que cinema e teatro são a mesma coisa. É desta identidade estética, desta proximidade de que será questão nesta intervenção. Apresentaremos exemplos desta “teatralidade” tirados essencialmente de três filmes adaptados ou com largas referências a peças de Claudel, Régio e Ionesco: *Le Soulier de Satin* (1985), *O Meu Caso* (1986), *Vou para Casa* (2001).

30. Instalar o artifício. O teatral na obra de João Botelho

André Campos

UAb

1000515@estudante.uab.pt

Aluno do Doutoramento em Estudos Portugueses – Literatura e Cultura Portuguesas, da Universidade Aberta. Licenciado em Estudos Artísticos e Mestre em Estudos Comparados – Literatura e Outras Artes, pela mesma Universidade, com dissertação intitulada “Figuração e sobrevida de Ricardo Reis em José Saramago e João Botelho”. Tem participação em colóquios dedicados aos estudos interartes e dois artigos publicados: “Ricardo Reis: figuração e sobrevida em José Saramago e João Botelho” (em co-

-autoria com o Prof. Dr. Luís Pimenta Gonçalves), em Pelos Mares da Língua Portuguesa 5 (Dez. 2023), volume editado pela Universidade de Aveiro; e “Uma leitura de «Vicente», de Miguel Torga: Historicidade, Imaginário Simbólico, Mitocrítica”, publicado na revista Interações: Sociedade e as Novas Modernidades, 42 (1.º sem. 2022), do Instituto Superior Miguel Torga.

Resumo

Quando, em entrevista, afirma que a «chave» d’Os Maias (2014) reside no genérico – porque instala o artifício –, João Botelho desvenda uma intenção de contrariar o «realismo endógeno» (André Bazin) da 7.ª Arte. O seu «cinema da não- identificação psicológica» (José Manuel Costa), devedor da lição do “Mestre” Manoel de Oliveira, assenta grandemente nesse princípio. Propomos, assim, uma reflexão em torno da relação entre esta instalação do artifício e o fenómeno teatral, aqui entendido como dispositivo e referencial semiótico, para o que revisitaremos passagens e aberturas de filmes como Conversa Acabada (1981), Quem és tu? (2001) ou Um filme em forma de assim (2022).

8 maio

quinta-feira

14h00 - 16h00

Sala 12

MESA.4 NARRATIVAS

Moderação: Adalgisa Pontes

31.

Autobiografias, Antropologia, Cinema e Educação: Uma Experiência Internacional de Aprendizagem Colaborativa

Thelma Panerai Alves

EDUMATEC – UFP
tpanerai@gmail.com

Formada em Letras, com mestrado e doutorado em Inovação Educativa, pela Universidad de Deuto (Bilbao-Espanha). Pós-doutorado em Antropologia Visual, na UAb (Portugal). Atualmente é professora efetiva do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC), da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Pesquisa a cultura digital na Educação: usos de diferentes mídias, redes digitais e plataformas digitais; (auto)etnografias digitais; narrativas digitais (auto)biográficas em contextos educativos; Linguagens audiovisuais digitais em contextos educativos.

José da Silva Ribeiro

AO NORTE, EDUMATEC – UFP
jsribeiro.49@gmail.com

Bacharel em Cine-vídeo pela Escola superior Artística do Porto, Licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto, Mestrado e Doutorado pela Universidade Aberta, Pós-doc pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Desenvolve atualmente pesquisa no âmbito da antropologia visual; antropologia e cinema; auto-geosociobiografias. Professor visitante na Universidade Federal de Pernambuco – EDUMATEC. Sócio da AO NORTE onde coordena o Grupo de Estudos de Cinema e Narrativas Digitais e o Fora de campo – Curso de Verão no MDOC – Festival Internacional de Documentário de Melgaço. Participa em projetos de pesquisa em Portugal e no Brasil.

Palavras-chave

Autobiografia, antropologia, Antropologia Visual, cinema e educação, aprendizagem colaborativa, inteligência coletiva, formação académica internacional

Resumo

Este artigo analisa a experiência pedagógica da disciplina “Autobiografias: Antropologia, Cinema e Educação”, oferecida no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica (EDUMATEC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), na AO NORTE e na Escola Superior de

Educação de Viana do Castelo – Portugal e na Universidade Rey D. Juan Carlos – Espanha em 2024 e com nova edição prevista para 2025. A disciplina, de caráter interdisciplinar e teórico-prático, articula narrativas autobiográficas, metodologias audiovisuais e abordagens educacionais, promovendo um espaço de investigação e expressão cultural. A metodologia do curso combina estratégias expositivas, interativas e dialógicas, incentivando a produção de ensaios autobiográficos em formatos escritos e audiovisuais. Os resultados apontam para um enriquecimento das narrativas autobiográficas e o fortalecimento da inteligência coletiva, ao mesmo tempo em que evidenciam desafios como barreiras linguísticas e diversidade nos níveis de formação acadêmica. O estudo destaca a potência da interdisciplinaridade entre Antropologia, Cinema e Educação para fomentar um ensino crítico e criativo. A experiência demonstra o papel das autobiografias como estratégia pedagógica e metodológica, ampliando a reflexão sobre identidade, diversidade cultural e formação acadêmica no contexto internacional.

32.

Cine colaborativo y resistencia: Hacia un Tercer Cine en la frontera

Ana Belén Estrada Gorrín

Universidad de Granada
aestrada@ugr.es

Ana Belén Estrada Gorrín es doctora con mención cum laude por su tesis “La frontera desbordada: colaboración, cine y autonomía en el contexto de las luchas por la libertad de movimiento” (2023). Es miembro del colectivo La Barraca Transfronteriza, donde ha desarrollado cine colaborativo sobre migración y fronteras en el ámbito de la frontera hispano-marroquí. Ha coordinado proyectos de innovación educativa en Educación Superior, especialmente dentro del programa Erasmus+. Destaca su labor en el proyecto MIGRIMAGE, que conecta universidades (Granada, Salento y Egeo) con ONG en zonas fronterizas como Ceuta, Melilla, Italia y Lesbos. Como resultado, ha diseñado herramientas educativas innovadoras, incluyendo el Máster Interuniversitario MIGRIMAGE: Mediterranean Border Cultures & Communication Studies y el MOOC Mediterranean Borders under a Comparative Perspective, enfocados en la comunicación sobre migraciones y fronteras en Europa.

Palavras-chave

tercer cine, cine colaborativo, epistemologías descoloniales, cine epistolar, autonomía migrante

Resumo

Este trabajo explora el cine colaborativo como una forma contemporánea del Tercer Cine, abordando su potencial para la representación autónoma de comunidades migrantes en contextos de frontera. Retomando los postulados de Solanas y Getino (1969), además de otras experiencias de colaboración en el cine latinoamericano de mediados del SXX, se analiza cómo el cine puede ser un arma de lucha cultural contra el colonialismo visual, poniendo en el centro a los sujetos representados como creadores activos de sus propias narrativas. A través del estudio de las producciones de La Barraca Transfronteriza, se examinan dos estrategias clave: el cine epistolar y la ficción colaborativa. Cartas a la Frontera utiliza el formato de la carta audiovisual para conectar experiencias migratorias fragmentadas, mientras que Norda reimagina la frontera desde una perspectiva simbólica, cuestionando las lógicas del control territorial. El artículo sostiene que el cine colaborativo, en diálogo con epistemologías descoloniales, no solo documenta la realidad, sino que la interviene, generando espacios de comunicación y resistencia. Se concluye que la experimentación y la participación activa en la producción fílmica permiten dismantelar jerarquías autorales y construir nuevas formas de expresión política, transformando el cine en un acto de autonomía y lucha contra las narrativas hegemónicas de la migración.

33.

Narrativas e Abstração: Estratégias pedagógicas para a percepção do sensível na estética visual cinematográfica.

Pedro Manuel Gonçalves de Azevedo Ribeiro

ESMAD – P.Porto
pijama.azevedo@gmail.com

Pedro Azevedo (1974) tem o Bacharelato em Tecnologia da Comunicação Audiovisual (2000, P.Porto) e uma Pós-Graduação em Dirección de Fotografía Cinematográfica (2002, ESCAC) – Universidade de Barcelona. E autor de cinema Experimental e Director de Fotografía desde 2001. Destaque para o filme “Who’s There?”, tendo ganho o Concurso Nacional Jovens Criadores 2002 e selecionado para integrar a mostra Videocosmos promovida pela Bienal de Jovens Criadores da Europa do Mediterrâneo, na Bienal de Veneza, em Novembro de 2003. Como Diretor de fotografia destaca a série de época “Vidago Palace” para a RTP e CRTVG 2017 e a última longa-metragem “o Céu em queda” 2024 de Carlos Ruiz Carmona. Foi Prof. Assistente Convidado na ESMAD entre Março 2017 e Março de 2023. É Prof. Adjunto Convidado na ESMAD desde Abril de 2023 até ao presente. É doutorando do curso de 3º ciclo em Media Artes na UBI, onde está afeto à IA* – Unidade de investigação em Artes. Está Filiado na Escola Superior de Media Artes e Design (pedroazevedo@esmad.ipp.pt)

Palavras-chave

percepção, sensação, cinema, espectador, pedagogia

Resumo

Há uma certa recorrência, por parte do espectador de cinema, em classificar narrativas fílmicas que não entende como sendo abstratas. O cinema não é abstrato. Mesmo quando convoca uma estética estritamente pictórica. No entanto, até nesses casos pode ser possível encontrar pedaços de narrativa. A necessidade impaciente dessa “descoberta” pode criar um abismo estético no estudante de cinema menos atento. É nesses primeiros anos que se criam os laços necessários para que um se apaixone por aquilo que estuda. Como tal, a presença de uma narrativa não-convencional ou a ausência da mesma deverá ser explicada, em aula, recorrendo a estudos de caso, ou exercícios de conhecimento empírico. Quando num filme há figuras, traduzidas em personagens mais ou menos opacas, fora das convenções narrativas, o docente tem de direcionar a análise para a percepção sensorial ou simplesmente para as sensações. Sendo o cinema um meio fenomenológico, este trabalho tem as suas bases de fundamentação nos estudos de Maurice Merleau-Ponty, com destaque para a obra “Fenomenologia da Percepção” (1945). Também é referenciada a perspetiva teórica de Vivian Sobchack, que apoia o seu estudo na fenomenologia cinematográfica e no encontro da fisicalidade e das sensações entre o espectador e a obra. As estratégias, para a definição de metodologias sistemáticas nas aprendizagens, serão propostas pelo autor desta comunicação que, enquanto docente, tem um contacto real com a atividade letiva e suas problemáticas.

34.

O contributo da ficção no cinema interventivo

Sara Beatriz Silva Monteiro Pinto

Instituto Politécnico do Cávado e Ave
sarapintar.work@gmail.com

Licenciada em Design de Comunicação pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, frequenta atualmente o segundo ano do Mestrado em Ilustração e Animação no Instituto Politécnico do Cávado e Ave. Exerce atividade como ilustradora e animadora. Como animadora, integrou a equipa de pintura da curta-metragem Percebes (2024), de Laura Gonçalves e Alexandra Ramires (Estúdios BAP). Ilustrou ao vivo no Trindajazz, em 2024 e no Ilustra33, em 2021. Fez um conjunto de ilustrações para as paredes da Casa da Rua – D. Lopo de Almeida, em 2023. Recebeu o primeiro prémio do Concurso de Banda Desenhada na 35ª edição do Festival de Banda Desenhada da Amadora e o terceiro prémio no Concurso Internacional de Ilustração da 15ª edição do Encontro Bienal de Ilustração de São João da Madeira.

Daniel Silvestre

FBA-UP | ESD-IPCA
djsilva@ipca.pt

Exerce actividade de ilustrador desde 2006, tendo ilustrado, entre outros, textos de Alice Vieira, Ana Saldanha, João Pedro Mésseder, José Luís Peixoto, Machado de Assis, Sophia de Mello Breyner Andresen e Raúl Brandão. Foi ilustrador residente do Museu da Cidade (actual Museu do Porto) entre 2021 e 2023. Foi seleccionado para a 1ª edição da Residência de Banda Desenhada em Bruxelas (uma iniciativa conjunta do IP Camões – Centro de Língua Portuguesa em Bruxelas e da Bedeteca de Beja), em 2023. Prémio de melhor edição independente na 35ª edição do Festival de Banda Desenhada da Amadora. Actualmente é docente convidado de desenho na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e na Escola Superior de Design do IPCA (Barcelos).

Palavras-chave

ficção, realismo, espetáculo, intervenção, animação

Resumo

O cinema sempre oscilou entre o real e o imaginado, entre a captura do mundo como ele é e o desejo de reinventá-lo. A ficção, frequentemente vista como um espetáculo, é dita como algo que estabelece barreiras que impedem o espectador de observar a realidade, afastando-o do seu interesse político e social sendo muitas vezes contrastada com o documentário e o realismo cinematográfico. Contudo, será essa distinção tão evidente? No contexto da animação, ao ser um meio afastado da realidade, a representação do mundo em que vivemos não se dá por via da captação fotográfica, mas antes pela interpretação. A dicotomia entre realidade e ficção complica-se, especialmente ao se considerar o cinema de animação como uma ferramenta de intervenção política. Se o realismo capta o concreto, a ficção liberta-se das amarras do visível e torna palpável aquilo que escapa ao olhar direto. A presente comunicação investiga a ficção como um espaço não apenas de ilusão, mas também de resistência, ao expandir os limites da representação e do papel do espectador na construção de significado. Talvez seja nesse limiar, onde a realidade se funde com a imaginação, que o cinema encontra o seu maior potencial transformador.

9 maio

sexta-feira

10h00 - 13h00

Auditório

SEMINÁRIO “WORK IN PROGRESS”

Coordenação de Paulo Cunha

Respondentes:

Iván Villarrea Álvarez

Universidade de Santiago de Compostela (Espanha)
Iván Villarrea <ivillarrea@gmail.com>

Isabel Macedo

CECS, Universidade do Minho

Projetos:

“Hantologia no Cinema de Terror Português e Tailandês Contemporâneo”

Lanlalit Samanuhut

Doutoramento em Estudos Comparatistas, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (Portugal)
Lanlalit Samanuhut <lanlalits@edu.ulisboa.pt>

“Solidão em tempo de guerra. Estereótipos Femininos no Cinema da Dor”

Cybelle Mendes

Doutoramento em Media Artes, Departamento de Artes da Universidade da Beira Interior (Portugal)
Cyll Mendes <cyllmendes@gmail.com>

9 maio

sexta-feira

10h00-12h00

Sala 12

MESA.5 CINEMA E IDENTIDADES

Moderação: a anunciar

35.

Narrativas de Identidade e Cultura dos euro-descendentes: Uma Análise dos Filhos de Colonos Portugueses

Elisio Bajone

UBI
elisio.bajone@ubi.pt

Elísio Pedro Silva Bajone é Doutorando em Media Artes na Universidade da Beira Interior (UBI), Portugal. Possui formação em Design Gráfico e Audiovisual e concluiu o Mestrado em Design e Multimédia na Universidade Pedagógica de Maputo. Atualmente, é Assistente Universitário no Instituto Superior de Artes e Cultura (ISARC), onde leciona as disciplinas de Realização I e Análise Fílmica. Sua pesquisa doutoral concentra-se nas narrativas de moçambicanos de pele branca e filhos de colonos portugueses, explorando a interseção entre identidade, memória e representação visual, com foco na Ilha de Moçambique, Ilha do Ibo e cidade de Inhambane. No âmbito desta pesquisa, colabora com especialistas em cinema documental, cinema etnográfico e estudos da memória, incluindo Manuela Penafria e Paulo Cunha da IA* Research Unit in Arts da UBI. Além da atuação académica, Bajone é co-fundador da Janus Limitada, empresa que opera nas áreas de consultoria, estudos socioeconómicos e projetos culturais. Está envolvido em iniciativas como PAC - Paz, Arte e Cidadania e Artes e Turismo Rural - Promovendo o Empoderamento de Artistas e Artesãos em Moçambique.

Palavras-chave

narrativas culturais, identidades pós-coloniais, diversidade sociocultural, multiculturalismo, heranças culturais

Resumo

O presente projecto de pesquisa procura investigar as narrativas e identidades de moçambicanos de euro descendência, descendentes de colonos portugueses, explorando as suas histórias culturais e sociais desde o período colonial até a actualidade. A ser realizado na Ilha de Moçambique, Ilha do Ibo e cidade de Inhambane, este estudo analisa como esses indivíduos articulam suas identidades no contexto do Moçambique pós-colonial. O objectivo principal é compreender as experiências dessas comunidades e o seu papel na construção de uma nação multicultural. Os objectivos específicos incluem interpretar percepções de identidade, explorar dinâmicas de integração cultural e analisar as suas contribuições para a diversidade sociocultural do país. Com uma abordagem qualitativa, o estudo utilizará entrevistas semiestruturadas, grupos focais e registos audiovisuais para uma análise detalhada das narrativas. O resultado será a produção de um documentário etnográfico, destacando essas histórias únicas e ampliando o campo das Media Artes em Moçambique. Além disso, a pesquisa trará reflexões significativas sobre heranças culturais pouco exploradas, contribuindo para a historiografia nacional e para debates sobre o multiculturalismo e identidades pós-coloniais. O presente estudo visa também gerar publicações académicas (artigos científicos) e ampliar

a visibilidade internacional dessas narrativas, promovendo um entendimento mais profundo das complexas heranças culturais moçambicanas.

36.

Batuque(en)cantos de luta: fabulações críticas e ruidosas na criação documental

Guilherme Rezende Landim

Universidade Estadual de Campinas Unicamp
g265432@dac.unicamp.br

Doutorando em Múltiplos Meios pela Unicamp (Bolsista CAPES/2020 - atual), Secretário de Cultura de Andrelândia/MG (2020-2022), Mestre (UFJF/2013-2015) e bacharel (UFJF/2008-2013) em Comunicação, atualmente desenvolvo projetos teóricos e práticos relacionados à linguagem cinematográfica, com foco no documentário, sendo que minhas pesquisas tem se dado no campo da Antropologia Visual, com trabalhos voltados principalmente ao documentário etnográfico. Além de participar de encontros e debates envolvendo a área de cinema, encontro-me ativamente em mostras e cursos na área de estética fílmica com destaque para os Festivais de Cinema de Ouro Preto, CineBH, Primeiro Plano, VIII Semana Universitária do Audiovisual em Recife (PE), Colóquio Cinema, Estética e Política (FAFICH-UFMG), Mostra de Cinema Árabe (SP), Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, Mostra de Cinema Turco, Mostra de Cinema Africano, mostras do Cinusp e Mostra de Cinema de Tiradentes, sendo que fui convidado a compor o júri-jovem do último, em 2015. Entre 2012 e 2014 exerci experimentações no campo do cinema e da arte locativa, demarcando pontos geolocalizados em determinados espaços urbanos ativados a partir de QRcodes e/ou outros softwares livres como HyperGeoHyperGPS. Tenho experiência nas áreas de Artes e Comunicação, com ênfase em Cinema e Audiovisual, atuando principalmente nos seguintes temas: Documentário, Antropologia Visual, Antropologia Urbana, História e Teoria do Cinema, Crítica de Cinema e Análise Fílmica, Realização em Cinema e Audiovisual, Cinema Independente, Cinema GPS (GPS Films), Mídias Locativas (Locative Media) e Cinema da Quebrada e Direitos Humanos. Recentemente trabalhei como diretor de fotografia, roteirista e produtor do documentário "Habita-me se em ti transito" (Projeto 205/12 Lei Municipal Murilo Mendes de Apoio à Cultura), Peixinho da Horta:entrefetos e alquimias (Mostra de Cinema de Ibitipoca/2021) e encontro-me em processo de realização como diretor do documentário Batuque: (en)cantos de luta sobre o Batuque Afro-brasileiro Nelson Silva. Destaco também as pesquisas com a execução do filme Movirtualizar-te, apresentado como performance corporal no II Festival de Artes do Corpo em Juiz de Fora (MG), o trabalho de fotografia "Redesconstrução" exposto na II Jornada das Ciências Sociais - UFJF, além da realização da curadoria para a exposição "Retratos da Resistência: As faces do Batuque Afro-brasileiro Nelson Silva" na semana da Consciência negra em Juiz de Fora. Atuo também como programador de mostras de cinema por meio do Cineclubes Bordel Sem Paredes e em parceria com outras instituições. Integrei o grupo de pesquisa LAVIDOC, Laboratório de Antropologia Visual e Documentário e o grupo de pesquisa Comunicação, Cidade, Memória e Cultura e atualmente faço parte da Associação Brasileira de Documentaristas e Curtametragistas (ABD), GENECINE - Grupo de Estudos sobre Gêneros Cinematográficos e Audiovisuais UNICAMP. Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais (NEPAM/UNICAMP), Laboratório Multiusuário de Comunicação - (TERRAMÃE/UNICAMP) e Lagrima - Laboratório antropológico de grafia e imagem e Laboratório de Arqueologia Pública "Paulo Duarte" da Unicamp. Como Secretário de Cultura de Andrelândia também atuei na direção do COMPAC (Conselho deliberativo de Patrimônio), Direção da Biblioteca Municipal Professora Lêda Rodrigues e coordenação de projetos teórico-práticos de cultura, arte e educação. Acredito que a experiência prática potencializa nos processos de pesquisa teórica, havendo reciprocidade nos dois campos do saber. Atualmente integro como suplente o quadro de representantes discentes das Comissões dos Programas de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNICAMP. Desde 2023 colaboro na consultoria de projetos audiovisuais do Ateliê TRANSmoras da UNICAMP. Integro também o grupo de pesquisa Estudos de Cultura Material, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Palavras-chave

batuque, documentário, fabulação, ruído

Resumo

O conjunto de músicas do sambista Nelson Silva podem ser amplamente compreendidas e analisadas na perspectiva da visualidade, do imaginário, da cosmovisão e da experiência coletiva, visto que trazem persi uma sinestesia de terreiro. As imagens afetivas do batuque afro-brasileiro de Nelson Silva revelam o espírito comunitário de um grupo afromineiro que mantém por mais de 60 anos a

tradição cultural proposta por seu intelectual feiticeiro, tornando-os artistas com suas vozes, cantos e encantos. Assim, o documentário “Batuque:(en)cantos de luta” e sua equipe em campo tornam-se mais um elemento agregador e participativo de uma rede de encontros para contar as histórias das músicas do batuque. Ademais, a experiência onírica de um quilombo cultural urbano grafado na teia de memórias e suas narrativas orais e visuais registradas em audiovisual e fotografia, expressam e reiteram a resistência de um patrimônio imaterial em constante luta pela reconfiguração simbólica da tessitura social juizforana.

37.

Montagem e Arquivo: para uma Psico-Arqueologia do Imaginário Contemporâneo

Sara Daniela Carvalho Novais dos Santos

ESMAD-IPP

sns@esmad.ipp.pt

sarasantosvcd@gmail.com

Sara N. Santos, realizadora e docente. É licenciada em Cinema Documental pela ESTA-IPT (2013) e Mestre em Comunicação Audiovisual pela ESMAD-IPP (2018). Os seus filmes experimentais entrecruzam temas como Memória, Arquivo e Ficção. Em 2015, venceu o prémio PrimeirOlhar nos Encontros de Cinema de Viana com o filme SABA. E em 2021, venceu o prémio melhor curta-metragem experimental estudante no Porto Femme com Just Like the Films. É professora na ESMAD desde 2023.

Palavras-chave

imagem, montagem, história, cinema, archiveology

Resumo

As imagens no espaço e no tecido performativo da sociedade não são neutras nem uniformes. Elas contêm ideologias, conteúdos antropológicos e narrativas várias. Posto isto, a crise da História e a abundante representação visual da nossa civilização espoletam questões sociais, políticas, filosóficas e poéticas sobre a condição da imagem na arte e na cultura contemporânea. Este trabalho debruça-se sobre a emergência do paradigma da montagem em processos de investigação e de criação artística que visam o conhecimento dos modos contemporâneos de ver e de pensar. Partindo da interceção entre o Conceito de História de Walter Benjamin (Löwy 2005) e a teoria da montagem de Sergei Eisenstein (Ivánov 2009), é feita uma análise de obras cinematográficas que arrancam imagens (fixas ou em movimento) dos seus contextos originais - através da colagem, da repetição, da fragmentação e da justaposição - e que constroem um pensar moldado por forças em constante tensão. “Archiveology is a mode of film practice that draws on archival material to produce knowledge about how history has been represented” (Russel 2018).

38.

Construção da Identidade através do Retrato Multidimensional

Alexandre Ferreira

ESMAD / PPorto

alexandre.ferreira0184@gmail.com

Alexandre Ferreira (2001, Guimarães). Licenciado em Artes Plásticas e Tecnologias Artísticas pela Escola Superior de Educação do IPVC e frequenta atualmente o Mestrado em Cinema e Fotografia pela Escola Superior de Media Artes e Design do IPP. Acredita na prática fotografia enquanto uma linguagem para catalisar mudanças sociais e ideológicas. A fotografia deve promover o pensamento crítico e desafiar preconceitos, incentivando a autorreflexão individual e coletiva. Sociedades justas são construídas através da preservação da memória e da história, e de uma comunicação visual que respeite a dignidade humana.

Olívia Marques da Silva

ID+|ESMAD/PPorto

oliviamarquessilva@esmad.ipp.pt

Doutorada em Fotografia pela Faculdade de Arte e Design da Universidade de Derby, Reino Unido em 2000. Bolseira do Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian e Centro Português de Fotografia, entre 1998 e 2000. Desde 1992, docente do Instituto Politécnico do Porto (IPP), onde coordena, presentemente, no Campus 2 de Vila do Conde, na qualidade de Presidente da Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD). membro do Conselho Geral do P.Porto, membro do Conselho de Gestão do P.Porto, membro do Conselho de Coordenação do Centro de Cultura do P.Porto. Colaboradora nas Equipas de Análise das Propostas de Novos Cursos de Fotografia da A3es desde 2014. É autora e coautora de obras de investigação sobre representação fotográfica e identidade social e cultural. Pertence à Comissão Científica dos Cadernos IRI e Scientific Board da Sophia Journal, Editora e Autora Associada da Scopio. Participa com regularidade em várias conferências nacionais e internacionais na qualidade de palestrante (em 2023 : <https://ceau.arq.up.pt/Elia/Évora> - <https://elia-artschools.org/> OR Universidade de Santiago de Compostela - <https://estudiosaudiovisuais.org/fx-ollos-para-ver/>). Em 2019 inicia um Projeto Fotográfico em S.Luis do Maranhão, Brasil no âmbito da parceria de investigação do consórcio IPP/ESMAD/Unimad e IFMA/NUPPI com incidência na prática artística fotografia documental contemporânea e Programa de Travessias Visuais. Experiência, vivência, memória e imaginários entre Pará e Portugal. Em 2023 participa na exposição itinerante Rostos da Maré com 4 obras do projeto fotográfico com o mesmo nome. Em 2024 na Exposição Coletiva 50 anos do 25 de Abril, na Galeria do Centro de Arte de São João da Madeira , na Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, na Galeria do Auditório Municipal de Vila do Conde e Exposição Individual O Tempo não Existe - um retrato de Nadir Afonso, no Encontro de Fotografia da Covilhã, Diafragma. Olívia Marques da Silva, Ph.d., Mphil-Ph.d., MA Estudos.

Adriana Baptista

ID+|UA, ESMAD|P. Porto

mab@esmad.ipp.pt

Doutorada pela FLUL em Psicolinguística, Leitura de Texto e Imagem é, atualmente, professora na ESMAD/P. Porto de Unidades Curriculares como Teoria da Imagem, Semiótica, Imagem e Cultura Visual, Imagem e Contextos Audiovisuais nas licenciaturas de Fotografia, Multimédia, Cinema e Audiovisual e Teoria e Crítica da Fotografia no Mestrado de Cinema e Fotografia. Faz investigação em Literacia Verbal e Visual, coordenou vários projetos de Investigação e é orientadora de vários projetos nos Mestrados em Fotografia e Cinema Documental e Experimental.

Cristina Castro

CIEBA|UL, ID+|ESMAD

cristinacastro@esmad.ipp.pt

(Porto, 1974), vive e trabalha no Porto. A sua obra tem como estrutura a materialização de possibilidades da ideia de fluxo, em desenho e pintura, dando visibilidade àquilo que tendo presença é invisível. Expõe desde 1995, individual e colectivamente. É doutorada em Arte Contemporânea pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, mestre em Museologia e Património Cultural pela Faculdade de Letras U.C., e licenciada em Artes Plásticas – Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Lecciona na Escola Superior de Media Artes e Design do Instituto Politécnico do Porto e na Universidade de Aveiro.

Palavras-chave

retrato, identidade, palimpsesto visual, coautoria identitária, multidimensional

Resumo

Partindo de premissas teóricas de Susan Sontag, John Berger e Roland Barthes, onde se discute que cada retrato é também um autorretrato do criador, ficam em foco as escolhas estéticas que refletem a sua visão do retratado e que permitem investigar a subjetividade inerente ao ato fotográfico. Neste projeto explorou-se a identidade humana enquanto uma entidade multifacetada, rejeitando a sua conceptualização como monólito estático. Inspirado nas obras de James Welling, que com a série Light Source, exemplifica a repetição como meio de revelar nuances através de variações, e John Stezaker, que na desconstrução de retratos, demonstra como a fragmentação conduz à unificação simbólica. O projeto utilizou a repetição e a fragmentação como ferramentas centrais

para desconstruir a noção unidimensional do retrato, substituindo-o por um palimpsesto visual que integra múltiplas camadas de representação onde a identidade é interpretada como um “organismo vivo”, construído pela interação dinâmica entre o Eu real, o imaginado e o projetado. Explorou-se a pluralidade identitária através da cooperação de diferentes mídias plásticas com a fotografia, onde o sujeito assume um papel ativo, interagindo com as suas próprias representações. O resultado é um diálogo visual estratificado, onde a materialidade dos suportes e a imaterialidade do Eu coexistem, desafiando a fixidez do retrato tradicional. Com estas práticas multimídia pretende definir-se a identidade como um mosaico em constante mutação, cuja compreensão exige a integração de fragmentos dispersos, articulados numa narrativa polifónica ampliando o potencial expressivo da fotografia, mas também redefinindo o sujeito como coautor do seu próprio palimpsesto identitário.

39.

Cuando la sociedad colapsa.

Trauma colectivo en el cine postapocalíptico del siglo XXI

Pablo Sanchez Lopez

Universidad Rey Juan Carlos
pablo.sanchez@urjc.es

Pablo Sánchez López (Madrid, 1983) es doctor en Comunicación Audiovisual con una tesis sobre la geopolítica de la cultura popular. Desde 2024 es profesor ayudante Doctor en el departamento de Comunicación audiovisual y Publicidad de la Universidad Rey Juan Carlos, donde ha impartido docencia en asignaturas de empresa y narración audiovisual. También ha sido profesor en distintas asignaturas relacionadas con la ficción audiovisual en el Master en Producción y Dirección de Empresas Audiovisuales en la Escuela de Artes Universitarias TAI y el Master en Gestión del Entretenimiento en la Entertainment Science School -The Core-. Ha participado en proyectos de investigación a nivel nacional e internacional incluyendo “Representación mediática de las autolesiones de los menores en los medios de comunicación y Redes”; proyecto Financiado por la Agencia Estatal de Investigación, durante el período 2021-2025 (PID2021-124550OB-I00). <https://orcid.org/0000-0003-0113-509X>

Palavras-chave

ficción pos-apocalíptica, ciencia ficción, trauma, cine del siglo XXI

Resumo

Las películas post-apocalípticas tradicionalmente han puesto el foco en el personaje como sujeto que debe sobreponerse al trauma de sobrevivir en un entorno, por lo común, hostil. En esta comunicación queremos analizar el trauma pero no de forma individual sino social. Los efectos de lo apocalíptico, en primero lugar, siempre son sociopolíticos ya que el orden social y las distintas formas de gobierno colapsan irremediabilmente; por lo que, además de traumas personales, los personajes en estas historias tienen que lidiar con el trauma colectivo de ver cómo las estructuras creadas se derrumban o ya se presentan como restos de civilizaciones pasadas, según la distancia de la narración con el evento apocalíptico. Apoyado en un análisis fílmico, aquí se presentan un corpus de films que evidencian las distintas respuestas que la ficción da para la reconstrucción (o no) de la sociedad humana, y cómo se experimenta, por parte de los personajes, la ruptura de sus marcos cognitivos previos; haciendo hincapié en la tendencia narrativa a presentar soluciones individuales para problemas colectivos.

EN CON TROS

25 FESTIVAL
DE CINEMA
DE VIANA

Organização



Parceria



Apoio

